

Campus

*“Não se trata de
remendar o Brasil atual.
Trata-se de conceber um
novo Brasil”.*

Cristovam Buarque

JUNHO DE 1985

“Devem ter visto em mim, que fui
o mais votado, uma pessoa
fundamentalmente democrática.
Desvairadamente democrática, mas
democrática responsavelmente.”

ABRIL DE 1986

“Para mim, o primeiro semestre de
um administrador é o da
democracia e do balanço e o
segundo, o da execução.”

“As pessoas têm na memória a
lembança de que estão falando
com o reitor da universidade e não
com um professor ou o amigo
Cristovam, e isso inibe um
pouco as discussões.”

AGOSTO DE 1987

“Me incomoda que me acusem
de ser democrático demais, porque
isso pode parecer fragilidade.”

“Hoje sou um pedagogo
da democracia.”

“Ser reitor era mais difícil do que
eu imaginava. Mas também
eu estava mais preparado
do que imaginava.”

*“...Portanto - em nome
da democracia - usemos
desse poder, unamo-nos
todos nós. Lutemos
por um mundo
novo...”*

“O Grande Ditador” — Chaplin



2
ANOS

Depoimentos

Newton de Faria Júnior, aluno de Pós-Graduação do departamento de Engenharia Elétrica. Ex-presidente do C.A. "A Universidade de Brasília realmente mudou. E mudou para melhor. Hoje ela é mais acessível, pois os seus canais estão abertos. E uma administração um pouco mais transparente, inclusive com canais de respostas à comunidade, como por exemplo o Campus.

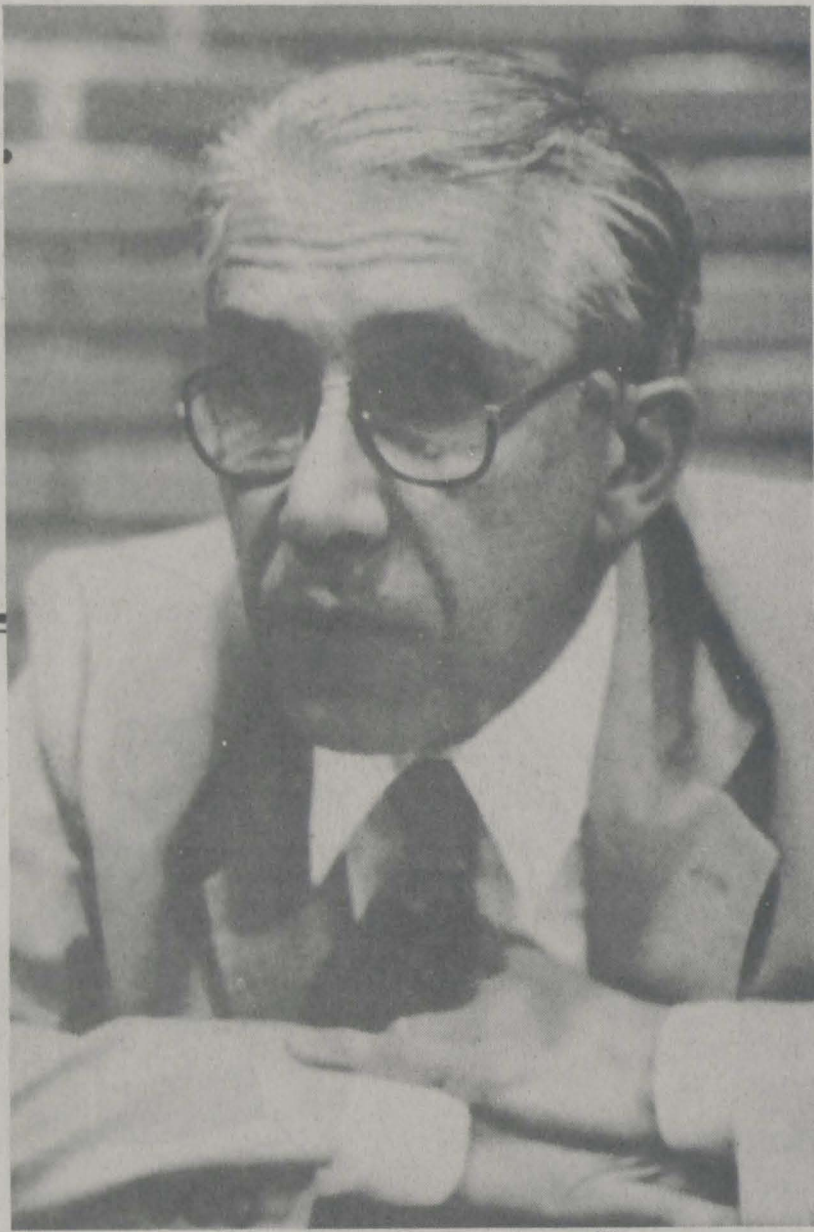
A maior falha da reitoria durante esses dois anos foi dar muita autonomia aos departamentos. Eles não estavam preparados para isso. Faltava e falta ainda maturidade. Assim, deu-se muito poder para pouca capacidade, e aquele ditado, "quem nunca comeu melado quando come se lambuza" tornou-se realidade na UnB. Falta definir as competências de cada setor.

A universidade é boa, porém falta implantar um sistema de ensino seriado, pois muitas vezes o aluno fica perdido durante sua formação porque os cursos não têm amarração. A reitoria deveria exigir dos departamentos esse programa de ensino seriado, pois para isso têm competência.

A forma de aquisição de equipamentos também deveria ser diferente, pois em muitos casos equipamentos caros tornam-se obsoletos. Talvez a melhor forma fosse a existência de convênios, principalmente onde o desenvolvimento tecnológico é grande.

"Francisco Castro Simplicio, 65 anos, chefe da segurança da zeladoria da Biblioteca "Quando chegamos em 1962 estávamos cheios de entusiasmo. Era a construção da maior universidade do país. Houve dificuldades e proezas para se conseguir recursos e se construir tudo que está na UnB. Naquele tempo não tinha moleza como tem hoje, na atual administração. Cristovam é o representante de uma nova fase de evolução — ou involução — da sociedade brasileira. Na época do Azevedo, havia uma auditoria para verificar se os funcionários estavam trabalhando, e também para fiscalizar o patrimônio da biblioteca. Hoje, por exemplo, eu estou sozinho, porque os funcionários foram para assembleia e eu não sei se isso é bom ou ruim. Cristovam investiu nos recursos deixados por Azevedo para aumentar os salários dos funcionários, e isso sem dúvida alguma foi um avanço. Não me considero um Azevedista; apenas reconheço os prós e contras de cada administração".

Jornal Laboratório do Departamento de Comunicação
Editores-Chefe: Mário Tafuri e Telma Pavarino.
Editores: Eumano Silva, Luiza Adriana Mouta, Nilva Rios, Paulo C. Coelho, Raquel Flores.
Repórteres: Aliene Coutinho, Ana Helena Rossi, André Camargo, André Moraes, Astrid Carvalho, Augusto Rodrigues, Ceci Almeida, Cláudia Prado, Delman Assis, Francisco de Paula Filho, Giuliana Morrone, Jaul Ramalho, João Carlos Pontoura, José Carlos Anatoly, Márcia Binder, Marden Elias Ferreira, Maria Theresa Ribeiro, Pedro Mansur, Regina Elizabeth Araújo, Renato Afonso, Ricardo Miranda Filho, Roselle Amorim, Valéria Cristina Castanho, Valéria Borges, Valéria Mendes.
Repórteres-Fotográficos: César Mendes, João Carlos Pontoura, Marcus Vinicius B. Lopes e Suzana Dobal.
Professores Responsáveis: Hélio Marcos Doyle, Murilo César Ramos (reportagem, redação e edição), Luiza Venturelli (fotografia) e Maria Rita Leal (projeto gráfico e arte).
Diagramação: Chico Amaral.
Ilustração: Ricardo Miranda Filho.
Laboratorista: Jeová Xangó.
Secretária de Redação: Dalila Maia de Oliveira.
Composição, revisão e impressão: Jornal de Brasília.



O reitor Azevedo, depois de oito anos de conflito com a UnB, ainda queria "fazer" o seu sucessor



A UnB, depois de oito anos com Azevedo, queria um reitor eleito pela comunidade



Ávila (e) acreditava que seria reitor e resistiu muito, antes de passar o cargo para Luis Otávio (d)



A eleição de Cristovam foi comemorada com muita euforia. E a administração?

De Azevedo a Cristovam, as lutas pela mudança

Em 1985, o movimento dos professores, estudantes e funcionários da UnB teve motivos para comemorar: viu a saída de seu arqui-inimigo José Carlos Azevedo, forçou a renúncia de seu sucessor Geraldo Ávila, e elegeu Cristovam para a reitoria, com problemas políticos, administrativos e financeiros. Seria Cristovam o "ovo de Colombo"?

Eumano Silva

CAPÍTULO I

Maio de 84: a eleição que não valeu

Nos dias 9 e 10 de maio de 1984, a Associação dos Docentes da Universidade de Brasília realizou uma prévia eleitoral entre os professores para saber quem a categoria gostaria de ver ocupando o cargo de reitor da UnB. Iniciava nessa data um tumultuado processo de escolha do dirigente máximo da universidade, que só terminaria 15 meses depois com a posse do economista Cristovam Buarque, apoiado por toda a comunidade.

Dos 18 nomes indicados na prévia, somente oito aceitaram concorrer em um segundo turno nos dias 23 e 24, que contaria também com a participação dos estudantes. Entre os desistentes, estavam figuras de importância nacional como Fernando Henrique Cardoso e Celso Furtado, um ex-ministro, Eduardo Portela, e um conceituado professor de Matemática da UnB, que mais tarde se tornaria um dos personagens centrais da trama da sucessão: Geraldo Ávila, o oitavo da lista. O mais votado dessa prévia foi o professor Dércio Munhoz, do Departamento de Economia, enquanto Cristovam, do mesmo Departamento, ocupava um discreto 13º lugar.

Realizado o segundo turno, surgiu a primeira lista sétupla da comunidade, pela ordem: Dércio Munhoz; Cristovam Buarque; José Carlos Coutinho.

do Departamento de Urbanismo; João Cláudio Todorov, da Psicologia; Frederico Simões Barbosa, ex-professor de Medicina e Márcio Villas Boas, da Arquitetura. Ficaram de fora, Onildo Marini, da Geociências e Danilo Sili Borges, da Engenharia Civil. Votaram 80% dos professores e 64% dos alunos, que viviam naqueles meses os últimos momentos do Diretório Central dos Estudantes (DCE). Logo a entidade entraria no período de desestruturação em que permanece até hoje. Os funcionários, ainda sem entidade representativa e desmobilizados, não participaram.

O próximo passo do movimento era pressionar o Colégio Eleitoral especial para oficializar a lista da comunidade. Formado pelo Conselho Universitário e pelo Conselho Diretor, o Colégio era o responsável legal pela elaboração da lista que seria enviada para que o Presidente da República efetuasse a nomeação. O reitor da UnB, capitão-de-mar-e-guerra e físico José Carlos Azevedo, convocou a reunião do Colégio para agosto, quando a Universidade ainda estaria em férias. Desde que se tornou reitor, em 1987, Azevedo passou a simbolizar a interferência do regime militar na universidade, e sua queda era a principal bandeira dos movimentos de estudantes e professores.

Antes, como vice-reitor, já era uma espécie de "eminência parda" na UnB, onde chegou em 1968.

Em junho, os estudantes e os professores entraram em greve para manter a mobilização, enquanto a ADUnB procurava convencer os membros do Colegiado a votarem na lista da comunidade. Apesar disso, os poderes do capitão continuavam suficientemente grandes para impedir sua aprovação integral. Entraram apenas Dércio e Cristovam, e a lista ficou assim: Geraldo Ávila, Djairo Figueiredo, Dércio Munhoz, Cristovam Buarque, Cláudio Lúcio Costa e Aluisio Prata. Maurício Peixoto, inicialmente o quarto da lista, desistiu, e sua vaga foi disputada por Aluisio Prata, candidato de Azevedo, e Márcio Villas-Boas, candidato da comunidade, empatados na primeira votação. As manobras de Azevedo ainda foram maiores, permitindo uma de suas últimas vitórias contra o movimento que queria afastá-lo da UnB, e o sexto nome da lista passou a ser o de Prata.

O nome de Cristovam, segundo ele, foi incluído graças ao voto decisivo de Fausto Alvim, presidente da Associação dos Ex-alunos da UnB, que precisou da ajuda de um oficial de justiça para ter garantida a sua participação no Colégio. (ES)

CAPÍTULO II

Comunidade rejeita, Ávila renuncia

Para surpresa da ADUnB, em 26 de fevereiro de 1985, o presidente João Figueiredo, já no final do seu mandato, nomeou o professor Geraldo Ávila para a reitoria da UnB. A entidade tinha como certa a escolha de Cristovam Buarque, cujo nome passou a ser viabilizado com a eleição de Tancredino Neves para a presidência da República. Cristovam era ligado à equipe de Tancredino e sua nomeação contava também com o apoio de figuras influentes no regime que terminava, como Leitão de Abreu, Nelson Marchezan e, até mesmo, a própria ministra da Educação, Esther Ferraz. Azevedo, que inicialmente apoiava Aluisio Prata, ao sentir que essa candidatura não encontrava espaço no governo, passou a ser fiador de Geraldo Ávila.

A comunidade da UnB reagiu imediatamente, pedindo renúncia de Ávila, nomeado depois que o general Otávio Medeiros, na época chefe do Serviço Nacional e Informações, levou um documento a João Figueiredo, acusando Cristovam de comunista, conforme relatou, na época, o jornalista Carlos Chagas, no "Estado de São Paulo".

Sem o apoio da UnB, que estava em greve, Ávila acreditava possuir a confiança do novo governo, instalado no dia 15 de março, dois dias após sua posse. Ele chegou inclusive a participar de uma assembleia de estudantes e de um debate com professores, funcionários e alunos, tentando convencer a comunidade de que era a solução para os problemas da universidade. Nas duas ocasiões, mal conseguiu falar, sufocado pelos gritos que exigiam sua renúncia imediata. No final do debate, Ávila respondeu ao mediador Maurício Corrêa, hoje senador e na época presidente da OAB-DF, que renunciaria caso não contasse com a confiança do novo governo.

Para buscar uma saída para o impasse, o MEC nomeou uma comissão

formada por Maurício Corrêa, pelo deputado Hermes Zanetti e pelo presidente do Conselho de Reitores (CRUB), Raimundo Romeu. O primeiro trabalho da comissão, batizada de "ponte para a renúncia", foi conseguir que Ávila assinasse um documento comprometendo-se a renunciar, caso não tivesse o apoio do governo, como havia dito durante o debate.

Procurado pela comissão, o ministro da Educação Marco Maciel, confirmou que Ávila não tinha a confiança da "Nova República". Num primeiro momento, o professor e seus assessores ainda tentaram resistir, alegando que a interferência do MEC seria a autonomia universitária. De posse do documento, Maurício Corrêa insistiu com Ávila e, depois de oito horas de espera na reitoria, aos 30 minutos do dia 20 de março, recebe a carta de renúncia que, na mesma noite, seria levada a Marco Maciel. Começava ali uma nova etapa da história da UnB. (ES)

CAPÍTULO III

Vice assume e garante a transição

Com a renúncia de Geraldo Ávila, o cargo foi ocupado pelo vice-reitor Luís Otávio Carmo, com a missão de conduzir a transição que terminaria com a eleição definitiva de um novo reitor. Ex-colaborador de Azevedo, Luís Otávio havia rompido com o antigo reitor já há algum tempo e, desde a eleição da primeira lista sétupla, mantinha boas relações com a ADUnB.

A primeira prova de que pretendia colaborar com a entidade dos professores foi mostrada imediatamente: nomeou decanos que tinham algum tipo de ligação com o movimento docente. Foram eles: Elbio Gonzales, Assuntos Comunitários; João Cláudio Todorov, Pesquisa e Pós-graduação; Murilo Ramos, Extensão; Danilo Sili Borges, Administração e Finanças e

Antônio Coimbra, Ensino de Graduação. De acordo com Luís Otávio, os nomes foram escolhidos segundo a visão de universidade que ele próprio tinha, sem pressão de qualquer setor da universidade.

As maiores dificuldades encontradas, segundo o ex-reitor, foram as pressões que recebeu para dar continuidade a decisões da administração anterior e cita, como exemplo, um convênio envolvendo dois milhões e 600 mil dólares, assinado com a Fundação Roberto Marinho. O caso só teve um desfecho depois que Cristovam assumiu, com a divisão do dinheiro, proveniente do BIRD, entre a UnB e a Fundação.

Na opinião de Luís Otávio, os quatro meses em que passou à frente da UnB possibilitaram que ele colocas-

se em prática todos os valores que via na instituição e que haviam sido esmagados pela administração anterior. O atual decano de Extensão, Volney Garrafa, prefere dizer que ele apenas aproveitou a oportunidade de recuperar o que havia feito enquanto pertencia à equipe de Azevedo. Cristovam Buarque é mais generoso em sua avaliação: "Ele cumpriu brilhantemente o papel de transição que a história lhe reservou".

Em agosto, quando passou o cargo para Cristovam, Luís Otávio voltou a desempenhar apenas o papel de professor do curso de Letras, onde permanece até hoje, longe de qualquer cargo da atual administração. Quando sua passagem pela reitoria recebe algum elogio, responde: "Procurei apenas agir com bom-senso". (ES)

CAPÍTULO V

Decanato: do centro para a esquerda

O decanato de Cristovam Buarque foi escolhido em função das forças que o ajudaram a chegar à reitoria. A ADUnB, com tendências para a esquerda e espinha dorsal de sua candidatura, teve três ex-diretores nomeados: Volney Garrafa, Extensão; Antônio Ibaraz, Assuntos Comunitários e Flávio Versiani, Administração e Finanças. Os outros dois, Isaac Roitman, Pesquisa e Pós-graduação e Paulina Targino, Ensino de Graduação, embora também participantes da entidade, podem ser identificados com de centro, tendo preocupações menos políticas e mais voltadas para as questões científicas e acadêmicas.

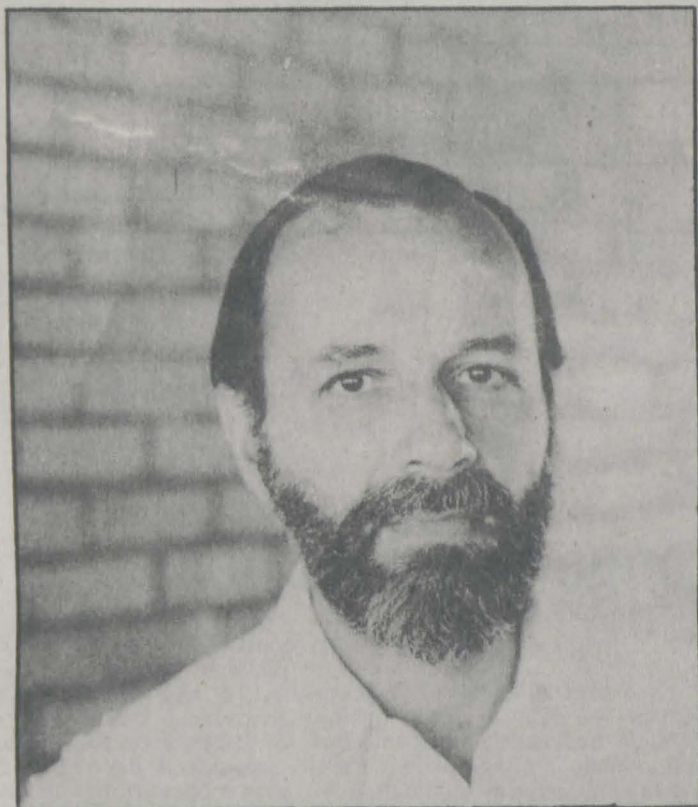
O resultado das combinações foi que o perfil do decanato ficou bastante semelhante ao da base de apoio conseguida pelo reitor em sua eleição. Segundo Cristovam, os critérios usados, tanto na escolha dos decanos quanto dos principais assessores, foram competência, disponibilidade para o trabalho, legitimidade, confiança e por último, teria preferência quem não deixasse "buraco" na função que desempenhasse antes.

Na prática, porém, estes critérios tiveram de ser conciliados com a vontade de alguns setores. O professor Jacques Veloso, da Faculdade de Educação, era o nome preferido de Cristovam Buarque para o Decanato de Ensino de Graduação, mas seu nome foi vetado pela ADUnB e por parte de seu próprio Departamento.

Ex - candidatos avaliam administração Cristovam

Com expressivo número de votos na eleição de 1985 para reitor, alguns ex-candidatos se dispuseram a falar e dar suas opiniões sobre a administração Cristovam. Apontando falhas e pontos positivos, três deles fizeram um balanço geral desses dois últimos anos. Falaram ainda sobre suas pretensões para o futuro, e contraditoriamente apesar do grande número de votos obtidos, se a próxima eleição fosse hoje, nenhum deles se candidataria novamente.

Telma Regina Pavarino



JOSÉ CARLOS COUTINHO

A Burocracia emperra a vida da UnB

“A burocratização ainda emperra a vida da universidade. Muitos setores permanecem extremamente atrasados e ineficientes. Há dificuldade em discernir as prioridades financeiras”. A opinião é do professor do Departamento de Urbanismo, José Carlos Coutinho, 52 anos, e ex-candidato às eleições para reitor, que embora ache que muitas coisas ainda não estão satisfatórias, afirma que a universidade hoje é respirável, está mais flexível, mais democrática: “Estamos diante de um reitor que nos ouve, que recebe críticas, um decanato composto por colegas, pessoas saídas do próprio quadro da universidade”.

Na opinião de Coutinho, a universidade passou por um enorme período, acumulando vícios e distorções do regime autoritário e todas elas no sentido do centralismo, da burocratização, do poder arbitrário. Para o professor, esses dois últimos anos não foram fáceis para a administração, por implicar na modificação de uma estrutura já cristalizada por uma série de vícios tanto na parte administrativa quanto na parte docente.

Burocracia

Entretanto, Coutinho acha que a burocracia ainda emperra a vida

da universidade: “Há uma baixa eficiência dos setores administrativos. Algumas pessoas parecem que não entenderam a necessidade de se flexibilizar a UnB”. O professor acredita ainda que há dificuldade em discernir as prioridades em termos financeiros: “Se gasta mais em algumas coisas que poderiam esperar e menos em outras mais urgentes. É elogiável a vontade de se modernizar a universidade, só que ela está sendo modernizada apenas em alguns aspectos, criando-se um descompasso muito grande”. Na opinião de Coutinho, muitos setores, como metodologia de ensino, permanecem extremamente atrasados e ineficientes: “A universidade está muito mal equipada no seu cotidiano. Os equipamentos para pesquisa estão superados, obsoletos e isso acaba criando contrastes muito fortes. As vezes tem que se dar aulas com giz e saliva e, no entanto, se tem computadores à disposição pra se fazer coisas que não estamos pedindo”.

Coutinho acha ainda que há um excesso de entusiasmo por parte do reitor. Na sua opinião, esse ímpeto inegável pode levá-lo a fazer uma universidade a partir de idéias e não a partir de uma realidade: “A

realidade nem sempre é favorável, e às vezes os obstáculos colocados pela realidade fazem com que se contorne esses obstáculos, criando artifícios e fazendo uma universidade do faz-de-conta, que não seria possível com o material humano disponível”. Montou-se uma estrutura paralela de núcleos que aos poucos começa a competir com a estrutura real da universidade: “Não se resolveu aquilo que é permanente, ou seja, os departamentos, institutos e o próprio quadro docente, mas tentou-se criar uma alternativa que talvez não seja a solução”.

Apesar de apontar algumas soluções, Coutinho não pretende candidatar-se novamente: “Não tenho ambição política nem pessoal. A reitoria não está nos meus projetos pessoais. A idéia de ter participado das eleições foi de colaborar com o processo de reconquista da universidade. E quanto a isso acho que cumpri a tarefa e todos fomos bem-sucedidos. A universidade, hoje, está nas mãos de pessoas que confiamos. E a confiança é fundamental. Mesmo quando se critica, isso não implica na desconfiança na capacidade das pessoas que estão aí”.

Depoimentos

Zolacir Trindade de Oliveira Júnior, 26 anos, aluno do Bacharelado em Física.

“A composição do Ministério do Cris foi política no que diz respeito aos critérios adotados. O conjunto em um todo é pouco eficiente, ou ineficiente, para realizar as suas idéias, que são muitas e boas.

Cris quer que a comunidade processe e avalie todas as suas idéias. Assim, ele brigará para pô-las em prática. Dado o imobilismo existente, a comunidade não processa e portanto não avalia. Conclusão: nada se faz de bom e/ou útil. Todas as atividades existentes na UnB têm sido no sentido de regredir, visto que apenas os setores conservadores, que são minoria, estão articulados.

A comunidade também tem culpa. Arrefeceu sua combatividade com a eleição do Cris”.

Nevinho Alarcão, estudante do Departamento de Comunicação, na área de audiovisual, e jornalista formado. 28 anos:

“Acho impossível avaliar a administração de uma universidade sem avaliar o Brasil, quer dizer, os métodos e críticas atribuídos ao Cristovam devem ser vistos de forma global, de acordo com o que está rolando e em sintonia com o que há lá fora. A morosidade impera, e a Nova República está emperrada.

Acreditado no Cristovam, acho que ele está fazendo o possível. Uma prova que ele está melhorando a formação acadêmica são os núcleos temáticos, que acredito renderão bons frutos. A abertura para a comunidade também tem acontecido. O Festival Latino Americano de Arte e Cultura foi um grande evento, que aconteceu e deu certo. Acho ainda que a administração tá muito boa por tudo que já falei, porém há algumas dificuldades. Eu mesmo tenho um projeto de um filme que tenho batalhado há três anos, e a contribuição da universidade foi pequena, de oito rolos de filmes que usei, recebi apenas 1 da universidade, mas não há portas fechadas e eu continuo acreditando no meu projeto por ainda ter esta porta aberta e por eu tentar fazê-lo mesmo ao largo da universidade”.

Teotônio Teixeira de Jesus, funcionário da UnB desde 62, hoje é Técnico de Audiovisual do Departamento de Línguas e Tradução.

“Antigamente (no período das gestões do reitor Azevedo) havia muita bagunça. As greves eram constantes e deixavam todos muito confusos. Hoje, as greves continuam existindo, porém, não há tanta desordem e são até mais democráticas. Com a posse do Cristovam, realmente os funcionários passaram a ter o direito de reivindicar.

Aqui não existia democracia, existia era o chicote.

A grande falha da Universidade é não dar assistência a seus funcionários. Deveria existir programas de lazer e cultura que realmente integrassem os funcionários à instituição, pois depois de 25 anos em um mesmo local não somos mais funcionários, já somos filhos daqui.

Não existem falhas de maneira geral na atual administração. O que se constata de mais grave é a falta de um setor responsável para verificar as reais necessidades de cada departamento, porque ao ficar por conta dos departamentos, acaba-se não fazendo nada”.



ÉLBIO NERIS GONZALES

Falta política definida de ensino

“A falta de uma política realista, definida de forma democrática, gerou uma série de sintomas na UnB, como o ativismo, o centralismo, a desarticulação das políticas setoriais”. A afirmação é do ex-reitorável Elbio Neris Gonzales, 55 anos e professor do Departamento de Sociologia, ao fazer um balanço dos dois anos de administração Cristovam. Na sua opinião, os problemas fundamentais da universidade estão relacionados com a inexistência de uma política definida de ensino.

Elbio acha que a UnB mudou muito com a nova administração: “O medo, a insegurança, frutos do autoritarismo foram substituídos por um processo de liberação que conduz a universidade à democratização”. Para ele, a ação administrativa é um processo. Algumas medidas tiveram sucesso, outras ainda permanecem na ten-

tativa: “Dentre os sucessos se encontram diversas políticas setoriais como a moralização das transferências de ensino, a contratação de novos professores e a compra de novos equipamentos”.

Insucessos

Para Elbio, porém, os insucessos em torno de uma política definida para equacionar os problemas de ensino, pesquisa e extensão, são marcantes: “A verdade é que não se tendo uma política clara, não se pode tratar democraticamente da definição de prioridades financeiras ou, por exemplo, da avaliação dos resultados de determinadas atividades”.

Elbio acredita que os problemas fundamentais da universidade estão nas suas funções básicas, ou seja, ensino, pesquisa e extensão. Desse modo, ele acha que antes de políticas setoriais, a administração

deveria definir uma política básica que conduziria a universidade a uma nova estrutura curricular em novas linhas de pesquisa, voltada para os problemas reais da UnB: “Me parece que essa desarticulação resulta efetivamente da falta de uma política decidida com a participação da comunidade e em especial dos docentes”.

O professor afirma ainda que a administração tem se preocupado apenas com setores e não com a universidade como um todo: “Não se reforma uma universidade sem modificar a estrutura curricular dessa universidade e nem se faz grandes transformações sem modificar a estrutura, a linha, e as formas de pesquisa que estão aí”.

Quando ao processo eleitoral vivido pela UnB, Elbio disse que só se candidatou para que a eleição tivesse maior representatividade: “Não serei novamente candidato às eleições para reitor”.

Desmobilização

Para o professor, a administração entrou com um projeto em lugar de esperar que a própria comunidade decidisse, a partir de um congresso, qual seria esse projeto: “Isso causou então uma desmobilização grande, ao mesmo tempo em que as pessoas se envolveram em projetos setoriais, enfraquecendo o movimento. Hoje a administração se queixa de não ter apoio, mas o que houve foi uma estratégia que não deu certo. Talvez se logo após às eleições toda comunidade tivesse partido para um congresso, o caminho poderia ter sido diferente”.

O ex-reitorável disse ainda que se as eleições fossem hoje, ele não se candidataria novamente: “Daqui a dois anos ninguém pode dizer nada, mas se as eleições fossem hoje, eu estaria fora”.

sidade está caminhando. A democratização foi irreversível. E isso é fundamental”.

Base

Uma das falhas apontadas por Ibañez é que a administração não tem base social nenhuma: “O fato de ter sido eleita não significa que ela possuía uma base. A não ser que desde o princípio estivesse muito claro que ela seria representante de toda comunidade. Para ele, a falta de apoio da qual se queixa a administração deve-se à interrupção do ritmo de mobilização da universidade logo após às eleições: “Se logo em seguida a comunidade tivesse se sentido reforçada ou pelo menos percebido que a administração teria condições de levar à frente as propostas saídas de um congresso, isso talvez teria levado a comunidade a um outro pique”.

ANTÔNIO IBÁÑEZ RUIZ

A Democratização ficou estagnada

As estruturas precisam ser totalmente democratizadas. Embora a administração da UnB tenha abraçado a bandeira da democratização, os avanços só chegaram até determinado limite. Ela parou na eleição dos membros. Segundo Antônio Ibañez Ruiz, 44 anos, professor do Departamento de Engenharia Mecânica e ex-decano de Assuntos Comunitários, além dos avanços em termos de democratização, as mudanças já existentes precisam ser institucionalizadas.

Entretanto, o ex-reitorável e atual diretor da ANDES — Associação Nacional dos Docentes de Ensino Superior — acha que como um todo pode-se ter a percepção de que a universidade está caminhando: “Pode haver críticas e há críticas sérias, mas há um fato inegável e concreto — a univer-



A administração não tem base social nenhuma. O fato de ter sido eleita não significa que ela possuía uma base.

Maria Eugênia Mendes, 20 anos, 4º semestre do curso de Geografia, ex-integrante do CA de Geografia.

«A nível de pensamentos, idéias, o Cristovam é o caminho para que o ensino universitário melhore e se torne mais democrático. Porém ele incentiva o debate em todos os sentidos, mas não faz pressão junto ao Governo.

Apesar de ter entrado na faculdade depois do Cristovam, eu acho que o mais importante na administração dele é a liberdade».

«Acho que algumas coisas já foram feitas em benefício da comunidade acadêmica, desde que o Cristovam assumiu a reitoria. Um benefício recente foi a instalação dos postos de luz nos estacionamentos da UnB».

Carlos Humberto Spézia, 27 anos, último semestre de Letras.

“Pude perceber muitas mudanças no que se refere à democratização do ensino. A nossa “voz ativa” começou a sair dos CAs e alcançar as diretrizes da UnB, o que muito contribuiu para alcançarmos nossas reivindicações. É lógico que Cristovam, como há em todos que governam e administram, mas o que nos é realmente positivo e esperançoso é o fato de termos um reitor sempre aberto ao diálogo. Eu até acho estranho, após anos sem ver a cara do reitor Azevedo passar pelo minhocão e de repente deparar-me com o Cristovam”.

“O que também percebo e acho que todo mundo critica é a

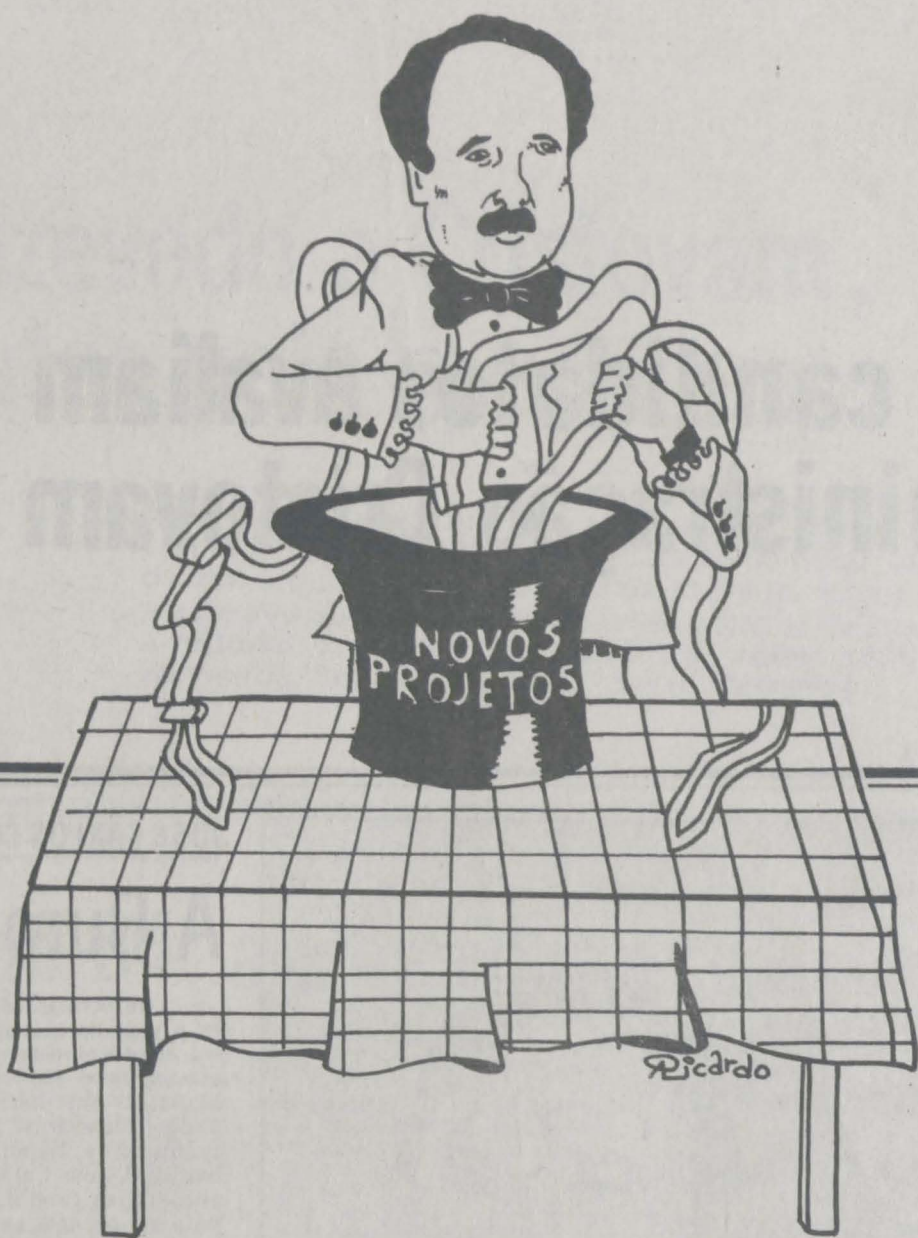
burocratização que existe na universidade, que pelo que parece aumentou ainda mais. Tudo que se refere a matrícula, reajuste, exame de linguas etc, é uma loucura. Enfrentar a burocracia da DAA não é fácil. Alguma providência deveria ser tomada, nesse sentido”.

Felícia Johanson, 21 anos, cursa o 4º semestre de Artes Cênicas/Departamento de Desenho.

«A administração do Cristovam está limitada pela situação catastrófica em que se encontra o País e pela falta de respeito generalizada à educação neste País».

Projetos transformam UnB

Os dois últimos anos da UnB foram marcados por uma efervescência de novos projetos nas mais diversas áreas, aliados àqueles já existentes como CORDATO e biblioteca. Esses projetos permitiram um maior envolvimento por parte de alunos, professores, funcionários e principalmente a participação inovadora da comunidade brasiliense, que passou a ser assistida e ouvida pela universidade, antes vista apenas como o "quintal do Planalto".



NÚCLEOS TEMÁTICOS

Ciência ou egologia ?

Augusto Rodrigues

O regimento interno do CEAM — Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares da UnB — descreve de forma clara que a função básica do centro é coordenar e apoiar os Núcleos Temáticos, e através deles, apoiar as atividades de docência, pesquisa e extensão realizadas nos departamentos, como também em outras unidades da universidade e da comunidade de uma maneira geral.

Essa tese foi defendida pelo reitor eleito Cristovam Buarque, e implantada em meados de 1986. Até o final desse ano, o CEAM já contava com 10 núcleos, e hoje conta com 22, admitindo a possibilidade de até o final deste mês de agosto chegar a 29. Esses núcleos, segundo ainda o regimento, têm como especificidade o desenvolvimento de programas que estimulem a pesquisa, ensino e extensão de caráter multidisciplinar, e que o divulguem através de intercâmbios acadêmicos, com instituições congêneres.

A idéia foi lançada e posta em prática, mas uma polêmica surgiu: esses núcleos esvaziam os departamentos? Geram algum conhecimento novo, ou são apenas pequenos clubes do bolinha que brincam de fazer ciência? (Crítica que se ouve nos corredores).

O professor Nielsen de Paula Pires, coordenador do CEAM, acha que estamos num período de semear, e que no fundo o que falta é diálogo. Os departamentos estão voltados para a docência, para a carreira e a especialidade, enquanto o CEAM, com os núcleos, propõe a interdepartamentalização, com as atividades interdisciplinares. Os professores que estão nos núcleos são lotados nos departamentos e suas atividades são voluntárias. «O núcleo é hobby, é hora extra. Nenhum coordenador está ganhando dinheiro para exercer a atividade num núcleo, bem como o professor que dele participe por interesse estritamente pessoal». Então o que leva as pessoas a participarem dos núcleos? Essa indagação foi respondida por Nielsen, entre sorrisos: «Puro idealismo», resumiu.

Segundo a professora Vilma Figueiredo, coordenadora do Núcleo de Política Científica e Tecnológica, tudo depende de como se coloca em prática as idéias. O núcleo que ela coordena antecede a atual administração, ou seja, foi criado ainda em 1983 com o apoio do CNPq, que na ocasião tinha uma política de criação de núcleos temáticos para a questão tecnológica brasileira. Desde lá, já se pensava no esvaziamento dos departamentos, mas, em absoluto,

segundo ela, os núcleos competem com eles. Vilma Figueiredo, disse não acreditar que a interdisciplinaridade seja a solução para o conhecimento do século XXI.

O professor Elbio Neris Gonzales, Mestre em Ciência Política pela Universidade de Oregon, e Doutor em Sociologia pela USP, do Departamento de Sociologia, diz não acreditar que os núcleos esvaziem os departamentos. O que devemos discutir é se eles, como atividade livre, produzem conhecimento. Todos sabem que a ciência nunca se desenvolveu com migalhas interdisciplinares, mas com métodos e campos definidos do conhecimento. Os departamentos se formam basicamente disso, em campos específicos e direcionados para a especialidade. «O que queremos numa universidade é o desenvolvimento do conhecimento científico, com a produção do conhecimento novo. Isso não significa que temos de resolver os problemas sociais através de núcleos interdisciplinares», disse.

O professor Elbio, com voz branda e enfática, disse que devemos estudar e discutir no momento o ensino que vai mal. «Ninguém mexeu nele nos últimos anos. É a pesquisa que está fraca. Não temos uma política de pesquisa, e a extensão praticamente não existe». Devemos fazer isto, e não constituir grupos de estudos aleatórios e simpáticos ao gosto de cada um. Fazer isto, não é fazer ciência, é fomentar os egos.

Se temos um fato real, acrescentou o professor Elbio, de que 50% das crianças da 1ª série do 1º grau são reprovadas, é com o palpite dos engenheiros, biólogos, químicos e físicos que vamos explicar as causas e achar as soluções? «Eu não acredito nisso», desabafou.

Segundo ainda o professor Nielsen, a própria resposta a essas críticas é o crescimento do número de núcleos. «Isso é uma prova de que a idéia é boa». Várias outras universidades, como por exemplo as federais de Alagoas, Espírito Santo e Rio, já mandaram delegações para saber como está se desenvolvendo a experiência na UnB. Para se ter uma idéia, até militares já sugeriram a criação de um núcleo, para discutir as questões nacionais com os civis.

Para alguns alunos, o esvaziamento dos departamentos não consiste em se criar ou não núcleos de estudo. Consiste sim, na figura do professor picareta, na não-atualização dos currículos e na própria defasagem do ensino universitário.

Macalão, que teve a participação dos alunos de Agronomia.

Na área do Novo Gama, as atividades desenvolvidas são integradas às da Clínica de Medicina Integral, atuando principalmente junto às creches domiciliares e ao Centro de Realimentação Infantil — CRI, para crianças desnutridas. Além disso, tem se procurado trabalhar com a comunidade no sentido de discutir temas diretamente relacionados com ela, como conservação e qualidade de alimentos, aproveitamento de sobras alimentares, troca de receitas e ainda desenvolvendo a pesquisa "Assistência de Enfermagem Comunitária no Controle e Prevenção de Parasitoses Intestinais".

Para essa pesquisa, mais de quarenta famílias já foram visitadas para coleta de material e identificação das parasitoses, assim como obter dados sobre as condições sanitárias das famílias.

Para o decano de extensão, professor Volney Garrafa, esses projetos estão funcionando muito bem e em recente avaliação com todos os participantes houve um grande consenso de que projetos dessa natureza são altamente positivos, pois proporcionam ao estudante um contato maior com a realidade. Outro ponto positivo ressaltado pelo decano de extensão é a interação das diversas áreas que atuam nos projetos. Assim, é possível constatar, por exemplo, no trabalho desenvolvido junto às crianças do Novo Gama ou Ceilândia, alunos dos Departamentos de Educação Física, Pedagogia, Serviço Social atuando juntos para resolver problemas dessas crianças.

PIJ

Brincando e aprendendo

Aliene Coutinho

Complementar a educação de crianças de 3 a 12 anos de idade, de maneira informal, deixando-as livres e fazendo atividades de acordo com o interesse de cada uma é o objetivo do Programa Infância Juvenil — PIJ — que acolhe há quatro anos os filhos de professores e funcionários da UnB, sócios da Asfub — Associação dos Servidores da Universidade de Brasília.

A própria Associação mantém esse programa com a contribuição de 1,5% do salário de cada pai. Mas, este dinheiro tem sido insuficiente, mesmo com o apoio da UnB, que oferece o espaço físico e paga os estagiários de várias áreas, como Educação Física, Desenho, Psicologia, Antropologia, entre outras.

Com a pouca verba, o material se torna escasso e é necessário usar a imaginação. «Utilizamos para ensinar as crianças tudo que encontramos ao nosso redor, desde folhas, insetos, pedras e sucatas. Fazemos nossas tintas e nossos brinquedos. E a criança aprende muito com isso», salientou a coordenadora do PIJ, Clemlira Ordenez Souza.

O programa está atendendo neste semestre 240 crianças em dois turnos, divididos em seis turmas. Para Cláudio Ferreira, aluno do 5º período de Educação Física, «a experiência tem sido muito boa. É sair da teoria e ter uma prática imediata. A única coisa que prejudicou meu trabalho foi a perda do clube, por causa disto ficamos sem atividades como a natação». O PIJ tinha convênio com o Clube dos Servidores Públicos Civis, porém foi desarticulado neste semestre por falta de verba, o que causou muitas re-

clamações, principalmente por parte da garotada.

Beatriz, de nove anos, filha de funcionário, disse que «no PIJ, não falta nada, mas, agora tá muito chato por causa do clube».

A falta de espaço é outro problema, por isso muita criança fica de fora do programa. Segundo a coordenadora do PIJ, a fila de espera já tem 130 crianças.

Para Merle Milhomem, assistente social do PIJ desde o início do semestre, «muita coisa já foi conseguida, uma delas foi o convênio UnB/Inamps na área de Oftalmologia e Ortopedia, com isto muitos pais não precisam enfrentar filas para marcar consultas e as crianças têm sido atendidas regularmente». Na área de Odontologia, as crianças são atendidas semanalmente por grupos de estudantes da própria UnB, que fazem um trabalho de prevenção, ensinando as crianças a escovar os dentes e aplicando flúor.

E na prática que são feitas todas as atividades. A coordenadora de artes, Elisabeth Maria da Silva, faz seu trabalho com muito carinho e detalha uma das atividades: «Semanalmente saímos com as crianças para lugares diferentes, como museus, parques, zoológico e eventos culturais. O trabalho com o concreto é vivenciado durante todo o passeio, e ao voltarmos, fazemos sempre atividades relacionadas com ele».

Os pais também têm um papel muito importante no PIJ. Eles participam através de reuniões e de um conselho, onde opinam sobre o programa a ser dado, além de receberem apoio na educação de seus filhos.

O PIJ funciona durante todo ano, menos em janeiro, quando todos tiram férias coletivas. «E um trabalho duro, mas gratificante. Aqui a criança participa de sua própria formação», diz Clemlira.

BCE

Longe de ser modelo

Mário Tafari

Hoje com 25 anos, a Biblioteca Central — BCE — é a quinta colocada no cenário nacional com meio milhão de exemplares. Esse acervo está longe do sonho do fundador, Darcy Ribeiro, que pretendia em 10 anos ter um milhão de títulos. Para o atual diretor, Murilo Bastos, a idéia é fazer com que a BCE seja o centro da universidade, e felizmente a reitoria tem consciência da necessidade de termos uma boa biblioteca. Murilo Bastos, que adota uma administração centralizada, não acha que uma biblioteca seja o local onde só se encontra livros. Para ele, biblioteca não é igual a livros e sim a informação. Não importa onde esteja o suporte da informação. Uma biblioteca, de uma universidade moderna, tem que cuidar também dos setores de multimeios e audiovisual. Com essa preocupação, ele pretende incentivar e treinar os usuários para melhor utilização do potencial de informação da BCE.

Judite Araújo, do oitavo semestre de Biblioteconomia, na pesquisa que fez sobre o usuário da seção de referência verificou a má utilização da biblioteca: os alunos, muitas vezes, desconhecem o acervo e fazem daquele espaço um local de estudos. Para Cláudia Brachado, do curso de História, o acervo deixa a desejar e a quantidade é insuficiente para o número de alunos. Não é o que dizem Paulo Ribeiro, da Engenharia Civil, Dalmo Branco, da Elétrica, e Elda Melo, do sexto período de Biblioteconomia. Para eles, a BCE é perfeita sob todos aspectos. Já Tereza Eleotério, estudante de História, considera a biblioteca do INL, do Senado e do Itamaraty mais atualizadas e é onde ela complementa os estudos.

Segundo o diretor da BCE, antes se privilegiava a aquisição de títulos estrangeiros e hoje já se tem crescimento mais homogêneo, valorizando as obras nacionais. Mas

verificamos que dos 5.275 novos pedidos aprovados para 1988, 4.127 são obras estrangeiras. Segundo a pesquisa da estudante de Biblioteconomia, o material estrangeiro é de melhor qualidade, mas a barreira linguística dificulta a pesquisa da graduação, principalmente. Apesar disso, de acordo com estatísticas, de 85 para 86 a consulta à bibliografia cresceu em quase 100 por cento, o que é indicativo do aumento das pesquisas na UnB.

Rui Paulo, usuário da biblioteca e estudante de Geografia no CEUB, critica a restrição de empréstimos de livros só à comunidade da UnB: «Como a biblioteca é subsidiada por verba federal, acho que deveriam montar um esquema de empréstimo ao público externo». Murilo Bastos diz que o acesso é livre, mas o objetivo não é ser uma biblioteca pública. Essa preocupação deve ter o GDF.

Em outubro será implantado o projeto das microfichas custeado pela Xerox do Brasil, através de incentivos fiscais da Lei Sarney. Esse projeto vai ampliar a pesquisa com cerca de 14.000 rolos de microfiches de textos completos de revistas e jornais abrangendo todas as áreas do conhecimento. Outro projeto é ampliar a parte de automação e dar condições aos departamentos de fazerem consultas ao banco de dados da biblioteca, facilitando o acesso do usuário.

Entre outros projetos, estão a biblioteca da Ceilândia, a biblioteca do Hospital da L2, para os alunos de Medicina e a videoteca, que será inaugurada em abril do próximo ano.

Para todo o serviço, a administração conta com 130 funcionários. Número insuficiente, como reclamou Won Kyung, estudante de Medicina. «Antes a biblioteca funcionava 24 horas por dia e agora, por falta de pessoal, fecha à meia noite e reabre às oito da manhã. Isso prejudica os usuários».

ESCOLARIZAÇÃO

Uma dívida social

Valéria Borges

«Tudo começou há dois anos atrás, quando foi criada uma Comissão Especial de Educação, pelo Decanato de Extensão. Essa comissão fez um levantamento entre os funcionários da UnB e constatou que o nível de escolarização era bastante baixo e que existia um número alarmante de analfabetos». Assim, a professora Eva Faleiros, atual decano de Assuntos Comunitários, explica o surgimento do projeto de escolarização dos funcionários da UnB.

Em maio de 1986, depois de montado, o programa foi efetivado e começou com a alfabetização e a pós-alfabetização. Segundo Eva Faleiros, o resultado dessa estratégia revelou a total ineficácia do ensino no Brasil, pois pessoas que já tinham cursado o equivalente à 7ª série, mostravam-se com nível de 2ª. «Ninguém tinha o nível que revelava».

A idéia de o programa de escolarização melhorar o nível de ensino dos funcionários e, portanto, sua produção no trabalho, é completamente abominada pela professora Eva: «Muita gente queria botar esse programa a nível da DRH — Diretoria de Recursos Humanos — mas nós sempre defendemos a idéia de que não é formação para a instituição. É o pagamento de uma dívida social». Os funcionários que estão integrados ao projeto pertencem a quase todas as áreas da UnB, mas são basicamente os que trabalham em serviços de apoio, como por exemplo, a Prefeitura, a Fazenda, o restaurante etc.

O programa não fica só por

conta da escolarização de funcionários, serve de estágio aos alunos das licenciaturas (Matemática, Educação Artística, Letras etc.) e da Faculdade de Educação. A metodologia inicialmente aplicada foi o método Paulo Freire. Depois verificou-se que, o adulto possui uma série de conhecimentos. Por exemplo, na matemática: ele recebe contra-cheque, faz pagamentos, enfim, na vida ele se vê obrigado a aprender. Há uma tentativa por parte dos educadores em trabalhar não na idéia de que os adultos não sabem e eles vão ensinar, mas na recuperação do conhecimento. Eles têm utilizado a metodologia de Emilia Ferreira, pedagoga argentina, que parte do princípio de que a criança possui um certo cabedal de conhecimentos.

A meta será atingida, segundo Eva Faleiros, quando todos os funcionários estiverem escolarizados até o nível que desejam. Neste semestre foi implantada até a 8ª série do 1º grau e para o ano que vem pretende-se implantar o 2º grau.

A verba destinada ao projeto de escolarização tem sido um grande desafio. A UnB fez convênio com a Fundação Educar, antigo Mobral e com a SEB, Secretaria de Ensino Básico, que cuida da 5ª à 8ª série. Para financiar esse projeto, a verba foi pedida em abril de 86 e só foi liberada no dia 18 de setembro, quando a parte orçamentária já estava fechada e não havia mais condições de usar esse dinheiro durante esse período, quem financiou foi a FUB.

CORDATO

Um desafio à droga

Regina Elizabeth

Idealizado pelo professor Richard Bucher, do Departamento de Psicologia da UnB, o Centro de Orientação sobre Drogas e Atendimento a Toxicômano — Cordato — funciona desde março de 86 e tem como princípios básicos a gratuidade, a voluntariedade e o anonimato. Márcia Landini, psicóloga, conta que a idéia de vincular o Centro à UnB surgiu pela dificuldade do professor Richard em conseguir verbas dos órgãos públicos para o projeto de um centro autônomo. Assim, a UnB é a executora do projeto, enquanto a verba vem de convênios com os órgãos públicos.

Elizabeth Costa, também psicóloga do Cordato, acredita que ele é pioneiro em todos os sentidos. Uma equipe psicopedagógica vem desenvolvendo um trabalho preventivo a nível das Fundações Hospitalar, Educacional e de Serviços Sociais. Este trabalho consiste em formar profissionais de diversas áreas para enfrentar o problema da droga em suas instituições.

Além deste trabalho, o Centro também atende às pessoas que o procuram. «Dificilmente você vai encontrar uma instituição com atendimento gratuito na qual você pode ficar conversando duas a três horas com o terapeuta», diz Márcia. No começo, a divulgação era feita através de cartazes, indicações de profissionais e da própria UnB. Mas hoje as pessoas em tratamento passaram a indicar para outras, o que significa que o Cordato é conhecido e reconhecido não só a nível profissional.

Há uma diferenciação importante, principalmente, do ponto

de vista clínico, entre o usuário de drogas e o toxicômano, que define o tipo de tratamento. O toxicômano tem uma relação específica com a droga, ela ocupa um lugar central em sua vida.

Já o usuário, que provavelmente teve uma infância completamente normal, é a pessoa que apenas experimentou a droga, usa esporadicamente, ou até com frequência, mas ainda mantém uma série de atividade que o toxicômano não mantém mais (relacionamento social, profissional, escolar, etc).

A lei brasileira não faz essa diferenciação, e nesse sentido, para Márcia, ela se torna indecente, pois não distingue quem usa e quem abusa. «E se fomos penalizar todo aquele que se pegou fumando maconha, então quase toda a população jovem vai ser presa».

O Cordato fez uma pesquisa sobre o uso e o conhecimento de drogas nas instituições de ensino do Distrito Federal, e verificou-se que o uso de drogas lícitas é muito maior do que das «ilícitas». São consideradas legais (ou lícitas): medicamentos, bebida alcoólica, cigarro e inalantes. Em primeiro lugar na pesquisa estavam as bebidas alcoólicas, seguidas dos medicamentos, cigarro, tranquilizantes, maconha e, em sexto lugar, a cocaína e os alucinógenos (acredita-se que estes encontram-se em maior número na UnB).

A equipe do Centro se constitui de psicólogos, enfermeiras e terapeutas ocupacionais. E, apesar de estar ainda engatinhando como instituição, já está para nascer sua primeira «cria»: o Centro de Convivência — na 404 Norte — onde os usuários passarão inicialmente a tarde e posteriormente o dia inteiro.

RÁDIO UNIVERSITÁRIA

Nas ondas da política

André Camargo

Um dos projetos que mais causou expectativas na UnB nestes dois anos da administração Cristovam foi a Rádio Universitária, cujo pedido de concessão de canal está desde dezembro do ano passado no Ministério das Comunicações para análise. Esta estranha demora tem seus motivos, que nada têm a ver com os aspectos técnicos do projeto.

O que parecia ser o mais eficiente canal de comunicação entre a UnB e o Distrito Federal foi interrompido antes mesmo da análise do projeto pelo Ministério. Após um rápido acerto entre o Governador José Aparecido e o Presidente da República, ficou estabelecido que o melhor destino para a única FM — Educativa atualmente no Distrito Federal seria o Palácio do Buriti.

A Rádio UnB, no entanto, não está sendo barrada somente pela vontade do Palácio do Buriti e Palácio do Planalto. Também o Ministério da Educação e o Ministério das Comunicações têm suas razões para frustrar os sonhos de Darcy Ribeiro, criador da Universidade de Brasília.

De fato, em 1961, quando Darcy Ribeiro criou a UnB e suas Unidades como a Reitoria, o Restaurante, a Biblioteca e a Rádio Universitária, não imaginava que a poucos meses da concessão do canal da rádio, uma greve de professores e funcionários fosse comprometer definitivamente o já difícil relacionamento entre o atual ministro da Educação e o reitor da UnB, Cristovam Buarque. Nem mesmo que o convite para o então advogado Valdir Pires — hoje governador da

Bahia e adversário político do atual Ministro das Comunicações, Antônio Carlos Magalhães — pudesse ser apontado como uma das razões para o engavetamento do pedido de concessão da Rádio UnB.

Cristovam Buarque, naturalmente angustiado com esta indefinição, espera coerência no processo de concessão de canal: "Não precisamos dar a rádio para a UnB, definam o critério e a UnB se submete à concessão", desafia o reitor, para quem "concessão de rádio não deve ser um favor de quem está no poder".

Rádio Universitária: Projeto

O Projeto da Rádio UnB nasceu com a própria Universidade de Brasília, em 1961, estando prevista em seu estatuto com recursos próprios provenientes, inclusive, dos lucros da Radiobrás. Entretanto, passados mais de vinte anos, somente em 1986 um grupo interdepartamental de professores e alunos conseguiu, no final do ano passado, montar e apresentar um projeto viável ao Conselho Universitário.

Este grupo foi coordenado pelo professor Salomão Amorim, da Comunicação, que posteriormente aceitou a indicação para diretor-presidente da Rádio UnB "para apressar a aprovação do projeto no Ministério".

Diante da suspeita de imobilismo da diretoria da Rádio na luta pela concessão do canal, Salomão está seguro em afirmar que a diretoria indicada está fazendo o que é possível ser feito. "Neste um ano e meio de luta pela Rádio UnB, apesar do desvio de cen-

tenas de horas de trabalho, estudo e lazer, onde não se ganhou um centavo, fizemos de tudo, pesquisa, reuniões, telefonemas, entrevistas, contatos, discussões de estratégias e novas atividades, como a Rádio Fora do Ar, ressurgimento dos alto-falantes da UnB para o próximo semestre.

No entanto — vaticina Salomão — o problema é político e deve ser resolvido pelos canais políticos da Universidade. "A pressão de baixo, estamos fazendo, mas é preciso reforçar os contatos junto às lideranças locais e nacionais". Um exemplo deste segundo tipo de pressão — a pressão de cima — é a articulação do Conselho Comunitário para agendar uma entrevista com o ministro Antônio Carlos Magalhães juntamente com a bancada do Distrito Federal.

Mas apesar de todo este esforço, a chance do projeto da Rádio UnB ser analisado e aprovado pelo Ministério das Comunicações são mínimas, e de acordo com um funcionário do Dentel, que é o órgão técnico concedente do canal, o projeto da Rádio GDF, apesar de ter sido apresentado mais de três meses depois do Projeto da UnB, está prestes a ser aprovado, o que significaria um ponto final na discussão sobre quem deve levar o único canal Educativo de Brasília.

No entanto, a indignação permanecerá pois como lembra o professor Salomão, "como explicar que colonistas sociais ganhem concessão de rádio e uma Universidade Federal não?".

PREFEITURA

Devagar UnB vira cidade

Cláudia Prado

Uma das mais importantes novidades implantadas pela administração Cristovam foi a Prefeitura do Campus. Nem todo mundo tem conhecimento de sua existência, mas a grande maioria já percebeu algumas pequenas coisas que não faziam parte do nosso cotidiano, e agora estão ali, transformando a UnB em uma verdadeira cidade (quem ainda não se deu conta com as novas livrarias alaranjadas ou com os bancos de praça?). Atualmente a Prefeitura está com nove canteiros de obras, alguns, apenas, iniciando ou já iniciados, além de outros ainda em fase de planejamento. Entre as obras em andamento estão o novo bloco residencial da Colina, a construção de três pavilhões multi-uso, os módulos restantes do subsolo do ICC (como o Departamento de Filosofia), a instalação de microformas na Biblioteca Central, o alojamento dos colonos na fazenda Água Limpa e algumas restaurações, como as do prédio da Colina.

Com a criação da Prefeitura, houve uma integração entre aqueles segmentos que tratavam dos problemas relativos ao patrimônio, à proteção e ao serviço de transportes. Por isso, os trabalhos são feitos com o pessoal já disponível. Para o prefeito Erico Weidle, ainda há muita coisa a ser resolvida: "A Universidade é uma área que precisa de um número maior de pessoas para atender a suas necessidades e de maiores recursos".

Hoje, ele é responsável por todos os serviços, desde a simples troca de lâmpadas e vidros quebrados, até a construção de prédios residenciais. Mesmo assim, a manutenção não vem sendo feita na medida das necessidades, pois havia uma demanda muito grande reprimida. Além disso, os recursos do MEC são limitados, pois são todos considerados como material de consumo.

O espaço físico da UnB também é muito disputado. "Cada departamento faz um pedido e isso tudo vai se acumulando, formando uma enorme colcha de retalhos", diz o prefeito, que tem tentado conciliar os pedidos, a partir da criação de comissões locais. É um trabalho de planejamento que visa ao atendimento das unidades onde são feitas reuniões com o pessoal responsável. "O espaço da universidade tem de formar um todo orgânico, e a tendência é a deterioração dos espaços onde a comunidade não tinha acesso anteriormente. A tentativa de atender a uma solicitação localizada é devido ao risco que se corre de deixar que tudo aqui se torne um cortiço".

Há cerca de dois meses, foi aprovado um projeto para implantação de entidades científicas de pesquisa no campus. Para o prefeito, isso tudo proporcionará entrada de rendimentos geridos pela própria universidade, atendendo principalmente as deficiências na área de pesquisa.

CENTRO DE PESQUISA

Contato com a realidade

Astrid Carvalho

Está sendo formado na Universidade de Brasília o Centro de Pesquisa de Opinião que, embora ainda não tenha recursos próprios para desenvolver trabalhos na área, vem fazendo uma série de contatos tendo em vista financiamentos externos para apoiar suas pesquisas.

Criado no início da gestão do reitor Cristovam Buarque, o Centro pretende realizar pesquisas de opinião que interesse principalmente à população do Distrito Federal. Mesmo com uma infraestrutura precária, o ex-coordenador do Centro, Sadi Dal-Rosso, professor do Departamento de Sociologia, desenvolveu alguns trabalhos. O principal deles foi uma pesquisa política eleitoral que teve como objetivo saber a tendência do eleitorado de Brasília na primeira eleição.

O atual coordenador do Centro, Luiz Gonzaga Mota, professor do Departamento de Comunicação, pretende dar continuidade ao trabalho feito pelo ex-coordenador. "O Correio Braziliense já mostrou um grande interesse em participar do Centro, divulgando as pesquisas que serão feitas", afirmou Luiz Gonzaga Mota, acrescentando que os trabalhos serão iniciados tão logo esteja pronta a infraestrutura necessária, como computadores e até mesmo pessoal qualificado para o trabalho.

Mas, mesmo assim, já foi iniciada a elaboração de uma pesquisa de opinião que deverá ser lançada ainda neste semestre, sobre a imagem da universidade junto à população do Distrito Federal. O financiamento deverá ser feito pela Universidade de Brasília e pelo Correio Braziliense que, também irá divulgar os resultados.

Além dessa pesquisa outros temas já foram levantados para futuras pesquisas junto à população da cidade, visando principalmente conhecer a opinião, atitudes e comportamentos dos brasileiros. Para o professor Luiz Gonzaga Mota o centro ainda está em fase de formação, mas com a próxima pesquisa ganhará mais força e se firmará, trazendo para a Universidade de Brasília mais um contato com a realidade lá fora.

O Centro pretende fazer intercâmbios com outros departamentos interessados em ajudar na realização do seu projeto — integrar Universidade e comunidade brasileiras.

Polêmicos ou em pleno funcionamento, os projetos elaborados pela administração respondem à expectativa do reitor. Mas, parte da comunidade universitária envolvida diretamente nos projetos é que conhece o que vem sendo feito. A rádio UnB, CPCE, CDT, CEAC, Prefeitura e Núcleos temáticos são as fatias desse bolo que recebe pouco recheio. Falta pessoal especializado, verbas e o que sobra é a burocracia, resquício de uma estrutura de universidade que herdamos e ainda não conseguimos libertar.

CULTURA

Espaço aberto na UnB

Ceci Almeida

Até 1985, uma das poucas iniciativas conhecidas do Serviço de Apoio Artístico Cultural, criado em 1976 com o objetivo de apoiar as atividades extra-acadêmicas da Universidade de Brasília, era o Coral da UnB que, apesar de ter conseguido mobilizar cerca de 700 pessoas, era praticamente a única experiência que possibilitava a participação concreta de toda a comunidade universitária numa atividade cultural. Até aquele ano não era possível prever que a nova administração iria alterar completamente toda a estrutura de apoio à cultura e às artes da universidade.

Recém-chegado à reitoria, Cristovam passou a lutar pelo ressurgimento da mobilização estudantil na UnB. A política estudantil engajada não entusiasmava mais os estudantes, de uma maneira geral, como forma de mobilização e o que ocorreu, como é sabido, foi uma participação cada vez menor dos alunos, professores e funcionários na realidade universitária. E exatamente neste contexto que começam a ser abertas todas as portas possíveis para o desenvolvimento de atividades artísticas e culturais, através do Serviço de Apoio Artístico Cultural, do Departamento de Assuntos Comunitários e DAC.

Somente este ano, para se ter uma idéia, já foram realizados 20 espetáculos musicais, entre concertos clássicos, concertos de jazz, apresentações de música regional, grupos internacionais e até mesmo de música eletroacústica, quatro fóruns de debate, cinco cursos de teatro e um curso de literatura, além de uma série de lançamentos de discos e livros.

A proposta básica é mobilizar com arte, buscando reavivar a comunidade acadêmica para uma maior participação na vida universitária. Desenvolvendo um trabalho que foge à departamentalização, a Secretaria de Apoio Artístico Cultural conseguiu estimular uma produção muito variada, trazendo de volta para a universidade coisas que estão sendo esquecidas, como a música do Centro-Oeste e da região amazônica, cursos de mimica, de teatro de bonecos, recitais de poesia, oficinas de máscara e figurino, entre tantas outras atividades.

Para alcançar estes objetivos, a Secretaria passou a atuar basicamente em três vertentes: promoção de eventos, apoio a manifestações culturais da comunidade universitária e formação de núcleos

culturais. No que diz respeito a esta última proposta, foi arquitetada a implantação dos núcleos de dança, de vídeo, de teatro, e ainda criados três novos corais, o cineclub 2 Candangos, além de um núcleo de apoio aos esportes.

Hoje, a UnB conta com uma série de espaços culturais que têm como finalidade última a integração da comunidade acadêmica. O Núcleo de Literatura, por exemplo, reúne desde alunos e funcionários de diversos departamentos, até professores e o próprio Cristovam. "Nosso trabalho não se limita a promover eventos culturais", conta Ana Virginia Queiroz, chefe do Serviço de Apoio Artístico Cultural do DAC. "A animação cultural pura e simples esgota-se em si mesma. Queremos estimular e apoiar as produções que surgem espontaneamente na comunidade universitária".

Apesar de organizar uma série de atividades, como o Canto de Encontro, as Quintas Musicais e os Fóruns de Debate, de fato a grande novidade é o apoio indiscriminado a qualquer iniciativa cultural da comunidade. O DAC tem recursos para fornecer materiais, além de dar bolsas de pesquisa e trabalho. "Quando eu entrei na UnB era loucura querer se dedicar a qualquer atividade não-acadêmica. Na opinião das pessoas isto seria uma dispersão. Hoje, as pessoas são estimuladas a serem artistas e a desenvolverem seu lado comunitário", afirma Fred Brasiense, ex-aluno da UnB e atualmente trabalhando no DAC.

Mas nem tudo são flores. Seja pela falta de divulgação do Serviço de Apoio Artístico Cultural, seja pela apatia que ainda predomina na universidade, a mobilização e até mesmo a criatividade da comunidade está muito aquém do esperado. Exemplo desta falta de interesse foi observada quando da implantação do Núcleo de Vídeo, que obteve uma resposta mínima por parte das pessoas. Para Conceição Zotta, diretora de Assuntos Comunitários, "o jovem ainda está apático e não acredita muito que a sua atuação altere as coisas". Compartilhando da mesma opinião, Fred Brasiense manda um recado para quem ainda acredita que a universidade deve ser uma experiência exclusivamente acadêmica: "Vivenciar experiências artísticas é, principalmente, um processo de reflexão e de descoberta de si mesmo. E também uma forma de desenvolver nosso lado comunitário. Precisamos aumentar a participação".

CEAC

Acompanhando a Constituinte

Andréa Moraes

O Centro de Estudos e Acompanhamento da Constituinte — CEAC, teve sua origem no curso de extensão "Constituinte e Constituição", realizado em 1986. Na avaliação final, os próprios alunos do curso colocaram em destaque a necessidade da UnB acompanhar a Constituinte. A idéia foi aprimorada por um estudo feito pelos professores Sadi Dal-Rosso (atual presidente da ADUnB) e Moisés Quadros (coordenador do CEAC), a partir de uma sugestão do reitor Cristovam Buarque em se criar um órgão de acompanhamento do trabalho da Assembleia Nacional Constituinte não só para fins acadêmicos, mas, também, aberto a toda a comunidade.

Em fevereiro deste ano, ainda com o projeto em andamento, chegou à UnB o advogado João Gilberto Lucas Coelho, ex-deputado do PMDB pelo Rio Grande do Sul, contratado para ser presidente do Conselho Diretor do CEAC. João Gilberto chegou para dinamizar o projeto e pôr em prática as três dimensões a serem assumidas pelo CEAC: acadêmica, cultural e social.

As maiores dificuldades foram encontradas para pôr em prática a articulação acadêmica proposta pelo CEAC. A UnB estava em greve e os alunos se dispersaram bastante. Mas, mesmo assim, surgiu um núcleo de discussão para o debate de temas constituintes entre alunos da pós-graduação e professores. O núcleo publicou o primeiro número de um livro-revista sobre o trabalho das sub-comissões e comissões constituintes. O CEAC pretende dar continuidade a esse trabalho, publicando outros números até chegar a publicação do texto final da Constituição.

Outro trabalho acadêmico realizado pelo CEAC foi a semana de debates sobre a Constituinte, no Departamento de Geologia, que teve uma frequência satisfatória, assim como os seminários elaborados para a cadeira EPB (Estudos de Problemas Brasileiros). João Gilberto afirma que, apesar das críticas de que o CEAC se distanciou da comunidade universitária, muita coisa já foi feita através da integração com os alunos da UnB. Um exemplo é a série de vídeos sobre a Constituinte, feitos pelos estudantes da Comunicação, que antes de serem exibidos fora da UnB e de Brasília, são mostrados dentro da própria universidade, em várias sessões. No segundo semestre, João Gilberto acredita que a relação do CEAC com os alunos da UnB vai ser mais natural, sem as greves e paralisações que dificultaram a entrada do trabalho do CEAC no currículo regular dos cursos.

Até agora os alunos foram mais envolvidos pela dimensão cultural do CEAC. A vinda de Gilberto Gil foi um típico exemplo. Os alunos se interessaram por uma atração artística e tiveram a oportunidade não só de ouvir Gil falando de música, mas também debateram a importância da cultura para a nova Constituição.

O CEAC inclui ainda em suas atividades, a produção de material sobre pesquisa e acompanhamento à Constituinte para ser distribuído em todo o Brasil. São boletins periódicos para 10 mil pessoas e informes semanais para entidades de classe e universidades federais, dando uma espécie de assessoramento técnico e teórico para facilitar a mobilização dessas entidades em torno dos debates constitucionais.

João Gilberto defende a idéia da UnB ser a ponte que liga Brasília a outras universidades federais do País. A UnB e seus alunos têm, para João Gilberto, o dever social de mobilizar e acompanhar a Constituinte, pois além de ser a única universidade pública da cidade, a UnB está perto do local onde está sendo preparada a Carta que regerá o País. Portanto, a hora não é de se fechar como um caramujo em sua casa, e, sim, de se projetar para fora, expandindo seus horizontes e divulgando para o País as informações que tem acesso.

CONSELHO COMUNITÁRIO

Participação informal

Raquel Flores

"Coisa boa ninguém tem interesse em divulgar". Este foi o motivo alegado pela deputada Maria de Lourdes Abadia para a falta de divulgação do Conselho Comunitário. Um órgão informal, ainda não estruturado regimentalmente, que o reitor vem esculpindo desde o ano passado, "nos momentos de crise", segundo o próprio Cristovam. Na sua composição, encontram-se dirigentes sindicais, empresários e parlamentares preocupados fundamentalmente com a melhoria da relação cidade-universidade.

Logo no começo da administração, o reitor foi dar uma palestra na Fundação Getúlio Vargas, onde o coordenador do Conselho Comunitário, José Roberto Arruda, exerce sua atividade acadêmica. É ele que conta um exemplo dado pelo reitor que desafiava os presentes a se interessarem mais pela integração da universidade na vida da cidade: "A medicina de Brasília é ruim? Os hospitais estão matando gente? A culpa é da UnB, que forma os médicos!". A partir de então, algumas pessoas vinculadas ou não à UnB começaram a reunir-se espontaneamente inicialmente no Instituto dos Arquitetos do Brasil e "um dia resolvemos levar esta conversa lá pra universidade e chamar o Cristovam", lembra Arruda, hoje diretor da Companhia de Eletricidade de Brasília (CEB).

Composição

Existe um núcleo básico de pessoas que gostam da idéia e sempre marcam presença, mas não se tem a preocupação com um número fixo, o que permite que o grupo se enriqueça muito, dependendo do assunto.

Segundo o coordenador do conselho, "se o assunto for tão bom que leve dez mil pessoas, por que este conselho não pode ter dez mil pessoas? E se o tema a ser discutido for tão ruim, ou tão particularizado, que só cinco devam sentar-se à mesa, que sejam só cinco. Queremos ser um pouco anarquistas mesmo".

Realizações concretas

A primeira colaboração do Conselho para a comunidade foi a sua interferência na decisão do reitor e seus assessores que pretendiam terminar com o vestibular do meio do ano. Quando a

CDT

Utilizar o que é nosso

Márcia Binder

Criado em 24 de fevereiro de 1986 pelo reitor Cristovam Buarque, o CDT — Centro de Apoio ao Desenvolvimento Tecnológico — funciona, desde então, no Módulo A-4 da Faculdade de Tecnologia e é vinculado ao Decanato de Pesquisa e Pós-graduação. Na época da criação do Centro, o diretor designado para definir e propor a estrutura do mesmo foi o professor de Física Kalil Skeff Neto. A partir do dia 17 de junho deste ano, assumiu a direção do CDT o engenheiro, pós-graduado em Física, José Walter Bautista Vidal.

Bautista Vidal foi professor na Universidade Federal da Bahia e da Unicamp — Campinas, São Paulo —, além de secretário de Tecnologia Industrial do Ministério da Indústria e do Comércio, de março de 74 a março de 79.

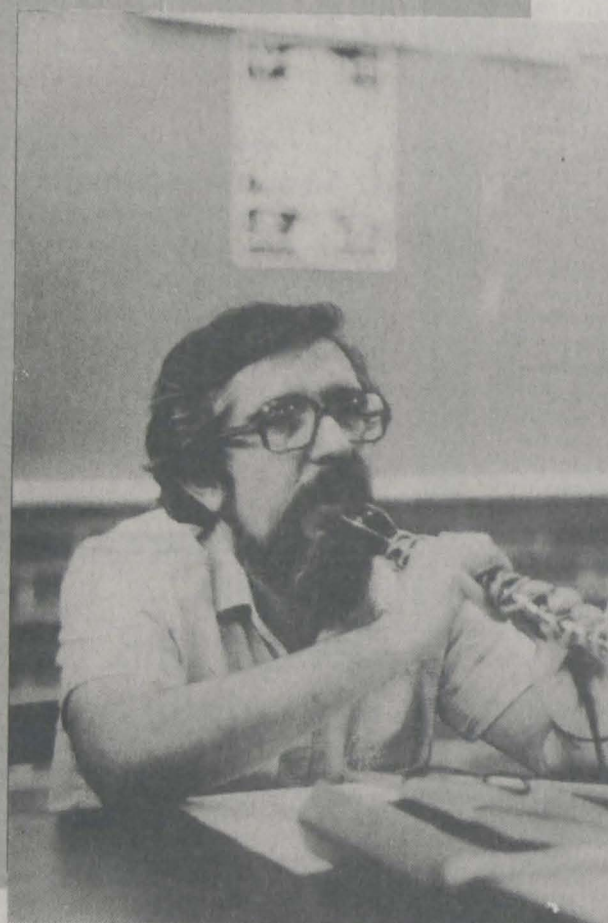
Governo Geisel — e março de 86 a maio de 87 — Governo Sarney. Tendo participado da criação de cerca de 40 instituições de tecnologia em todo o País, Bautista Vidal explica que o CDT da Universidade de Brasília tem como grande desafio o principal função identificar, estudar e encontrar soluções para os maiores problemas do Brasil, no sentido de fazer a ponte entre o saber e o poder de produzir, isto é, dar condições ao País, através do avanço da tecnologia, de colocar em prática o seu próprio processo de produção, livre da, hoje, tão notória dependência tecnológica estrangeira.

"As instituições de tecnologia significam, de acordo com Bautista Vidal, a procura de um caminho por onde as universidades brasileiras possam se adequar à realidade do País, dando contribuições à sociedade. Como exemplo de contribuição que poderia ser dada, caso o nosso desenvolvimento tecnológico fosse maior, Vidal cita a indústria farmacêutica brasileira, que não explora amplamente os produtos naturais pertencentes à nossa imensa reserva biológica.

"Foi imposto ao Brasil um modelo dependente de crescimento econômico, no qual ele deve buscar a solução para seus problemas de produção nos países industrializados, abrindo mão de sua soberania. E através da tecnologia que se estabelece a dominação estrangeira e é através do desenvolvimento tecnológico que o Brasil poderá sair da condição de País colônia", afirma o diretor do CDT.

Nesse sentido, o Centro anda devagar. No momento, ele passa por uma completa revisão de funções e a sua estrutura formal ainda não foi definida. A atividade prática do CDT até agora resume-se à manutenção de equipamentos de pesquisa. A viabilização do CDT depende de recursos financeiros. De acordo com o seu diretor, dinheiro é o que não falta, desde que haja decisão política. Com a tradição política que o Brasil possui, tudo leva a crer que a tal decisão ainda demorará.

Dois anos depois de eleito por uma ampla aliança política que envolveu estudantes, professores e funcionários, o reitor Cristóvam Buarque avalia que está na hora de mudar. O decanato agirá articuladamente e a reitoria procurará consolidar sua base de apoio na comunidade universitária. Essa mudança de atitude será acompanhada, necessariamente, de articulações em torno da sucessão do reitor, daqui a dois anos. Reuniões para discutir nomes e programas deflagram o processo sucessório.



Ibañez avalia momento de transição da UnB



Lia Zanotta é nome forte para a sucessão

Depoimentos

O aluno do Departamento de Biblioteconomia, **Djalma Fernandes** disse que certa vez o reitor Cristóvam ao dar uma palestra nesse departamento, disse que desconhecia a existência do curso de Biblioteconomia na UnB. Djalma explicou ainda que existem departamentos esquecidos e outros privilegiados, o curso de Biblioteconomia está carente de professores e a segurança é mínima, como por exemplo na hora do almoço todo o departamento é fechado a chaves porque não fica ninguém tomando conta. Em termos de liberdade de expressão, o reitor Cristóvam tem dado uma certa abertura, as críticas são bem aceitas pela reitoria e isso não acontecia nos tempos Azevedo é o que explica Djalma.

Guimar Santino dos Santos, 53 anos, servente da Confederal, há três anos no Departamento de Comunicação: «Como funcionária de outra firma, achei o Cristóvam maravilhoso, mais liberdade e mais apoio. Vamos ver o quê que a gente vai ganhar daqui pra frente. Pela UnB a gente tinha vontade de pelo menos eles olharem pra gente e a gente ser contratado. Mas o pessoal antigo diz que ninguém mais vai ser contratado. Diz que a promessa do MEC é essa de não contratar. Tenho esperanças, mas eu fico quieta. Tem muitas aí que ficam pedindo a um e a outro. Eu não peço a ninguém. eles estão me vendo todo dia aqui, me conhecem. Se eu merecer alguma coisa, então eles me contratam. Não tenho muita idéia, mas, quem sabe, né? Tudo é fácil para os homens que podem «fazer». Mas o que me contraria mais é que eles deviam dar o sábado a gente, porque a gente trabalha até o meio-dia. A gente podia reunir aí e trabalhar até mais tarde na sexta-feira, e no sábado a gente não vir. Pelo menos quem é dona-de-casa que não tem quem faça as coisas. Isso é coisa da Confederal, mas acho que um entendimento do Reitor, com a Confederal poderia tirar esse sábado.

Alexandre Assaf Neto, diretor de Orçamento e Finanças, idade: 40 anos.

«Houve uma guinada muito rápida de um processo centralizador para um processo descentralizador. Ocorre que o maior problema é que a FUB não estava estruturada p'ra isso. Em primeiro lugar, você não tem na FUB uma parte administrativa estruturada p'ra essa descentralização. Além do mais, as pessoas que recebiam a responsabilidade desta descentralização, também não tinham uma infra-estrutura mínima p'ra poder exercê-la. Não há sistema de informatização na universidade, é tudo feito à mão. Em segundo lugar, não há um planejamento, uma definição de objetivos. O orçamento é feito de fora pra dentro, dentro do limite que o MEC dá e acabou. Terceiro, não há um sistema de organização e métodos, normas, você tem uma estrutura emperrada. Se não mexer nestas três coisas, vai ser difícil descentralizar. Em termos macro, o grande problema é o de recursos. A universidade recebe um quinto ou um sexto do que ela realmente precisa. O orçamento do MEC é uma piada. É uma administração da miséria o que se faz aqui. Falam que a universidade é rica. Ela pode ser em patrimônio, mas isso não rende o suficiente p'ra ela, o que leva a uma dependência financeira total do MEC. Do tempo que estou nesta Diretoria, pelo menos em termos de intenções melhorou, mas o processo de implementar decisões ainda está muito moroso na prática».

A insustentável leveza da base de apoio

Ana Helena Rossi

O que é uma base de apoio à reitoria? É um grupo difuso que permeia toda a Universidade, formalizando-se apenas em alguns momentos? Base de apoio é um grupo completamente estruturado que tenha condições de apoiar ou criticar a administração em bloco? Ou será uma complementação disso tudo? Não existe na Universidade de Brasília um entendimento básico a respeito do que seja base de apoio, apesar dos vários setores envolvidos com a mudança da universidade terem seus pontos de vista. Também não existe uma avaliação política comum acerca do próprio processo de democratização da UnB, que se inicia oficialmente com a eleição do reitor Cristóvam Buarque, em 1985. O reitor, então recém-eleito pela comunidade, avaliava que teria uma base de apoio explícita e clara, cujos dois pólos seriam, de um lado, os alunos, com potencial e organização suficientes para puxar as mudanças na UnB, e de outro o movimento docente razoavelmente estruturado. Em cima desse pressuposto, acreditava que sua base de apoio seria indiscutivelmente coesa, com capacidade de respaldá-lo nas iniciativas necessárias às mudanças. «Nunca pensei que fizessem greve contra um reitor eleito», confidencia Cristóvam.

Passados dois anos, reconhece que foi um erro de estratégia apostar que as mudanças viriam dessa forma. João Cláudio Todorov, ex-presidente da ADUnB, e vice-reitor da UnB, acrescenta que houve uma dificuldade enorme no relacionamento entre a administração e as entidades, principalmente a ADUnB. «Toda a administração saiu do movimento docente. A pergunta que fazíamos era: como administrar a UnB, sendo situação, e continuar fazendo parte do movimento?», recorda.

Volnei Garrafa, também ex-presidente da ADUnB e Decano de Extensão da administração Cristóvam, analisa que a base de apoio da administração é crítica, com relação aos projetos implantados. «É fundamental não perder a perspectiva democrática», frisa Volnei. E, Paulina de Freitas Targino, Decana de Ensino de Graduação expressa um sentimento comum a muitas pessoas da administração, inclusive do próprio reitor: «A administração sentiu-se completamente sozinha», diz.

Giuliana Morrone e Paulo Fona

Que o ranço do autoritarismo na UnB foi embora em 1985 com o capitão-de-mar-e-guerra, José Carlos de Azevedo, a comunidade brasileira não duvida. Nos dois últimos anos, por exemplo, a polícia não foi convocada para conviver com estudantes no campus universitário e na única vez que tentou entrar sem convite — num episódio envolvendo a prisão de um aluno no C.O. — foi rechaçada pela reitoria. Mas essa constatação não é

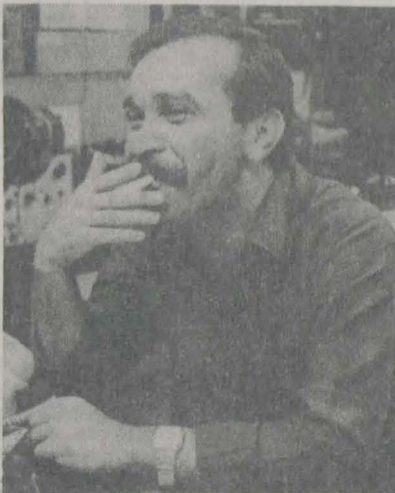


Queixas contra Azevedo e...

A todas essas avaliações, a ADUnB e a ATA-FUB explicitam seus pontos de vista. Antônio Ibañez, ex-presidente da ADUnB, Decano de Assuntos Comunitários, liberado para assumir a 1ª secretaria da Associação Nacional dos Docentes do Ensino Superior (ANDES), pensa que nenhuma administração deve ter uma base de apoio explícita e formal, já que inexistem partidos que encarnem integralmente as propostas da administração superior da UnB.

Hoje, a situação e as posições estão mais claras. As críticas são colocadas sobre a mesa. Sadi Dal-Rosso, presidente da ADUnB acrescenta que a sustentação política não se dá em cima de contatos formais, mas ao longo da prática política. «Nesse sentido, não existirão acordos formais, mas princípios a serem defendidos e a autonomia do movimento implica criticar e elogiar, quando necessário», avalia.

Os representantes da ADUnB, bem como o presidente da ATA-FUB, concordam que apoiar a administração sem um programa com objetivos definidos é extremamente difícil. «Essa administração representa um arco de alianças políticas grande», coloca Sadi. Rosalvo relembra que quando a administração foi eleita não havia um planejamento, um programa de trabalho definido. «Como podemos avaliar práticas das quais não participamos, nem sequer discutidos enquanto segmento organizado», indaga.



Rosalvo Bezerra: as articulações são difíceis

Comunidade desconhece projeto de integração

suficiente para que a comunidade avalize a proposta do atual reitor de integrar a universidade à comunidade. A integração dessa dobradinha está incorporada ao discurso do reitor e a efetivação de iniciativas localizadas em algumas cidades-satélites (leia matéria na página 4), insuficiente para que a comunidade se identifique com a universidade. Isso, o próprio reitor admite: «A maioria da população ainda ignora a existência da UnB», diz. Cristóvam costuma contar a história de dois amigos que se atrasaram a um compromisso com ele porque as pessoas que os levavam — uma motorista de táxi e do Incri — simplesmente não sabiam onde ficava a Universidade de Brasília.

No movimento sindical, por exemplo, algumas lideranças questionam o método de trabalho do reitor. E o caso da presidente do Sindicato dos Professores, Lúcia Carvalho, que, apesar de reconhecer o espírito democrático da reitoria e sua capacidade de análise da realidade, se ressentida de algo: «É necessário organizar, confrontar tudo com o Governo e lutar pela moralização do ensino», opina Lúcia Carvalho, com a vivência de liderar seguidas greves do professorado de Brasília contra o Governo do Distrito Federal e os donos das escolas particulares.

Decanato: nova filosofia na reitoria

Ana Helena Rossi e Paulo Fona

Quando começar o segundo semestre deste ano a comunidade universitária da UnB conhecerá uma nova filosofia de trabalho nos decanatos. «Precisamos consolidar os projetos iniciados», argumenta o reitor Cristóvam Buarque. Com dois anos de experiência administrativa na reitoria, o economista Cristóvam investirá numa nova estratégia, passando da fase de «liberar idéias», como ele mesmo define, para a de consolidar projetos. Ou seja, a partir do segundo semestre o trabalho do decanato será necessariamente mais coeso e articulado, um trabalho em equipe. «Passou o momento de cada um correr em raia própria», resume Cristóvam.

Definida a nova filosofia de atuação, a questão é saber quem, na comunidade, está em condições de preencher os cinco critérios estabelecidos pelo reitor para os novos decanos: competência, legitimidade, trabalho, confiança da reitoria e que não deixe lacunas na função que exerce atualmente. A amplitude desses requisitos definidos pela reitoria sugere a possibilidade de ser montada a equipe ministerial composta de Flávio Versiani, Volnei Garrafa, Paulina Targino, Eva Faleiros e Isaac Roitman. «Tirar um decano é ruim, o novo cara vai aprender muito mais», argumenta Cristóvam. Mas os critérios também permitem supor a reformulação parcial do decanato. «O momento político da universidade é outro», estimula Cristóvam.

O presidente da ADUnB, Sadi Dal-Rosso, concorda com a proposta do reitor de que o momento é de mudança de filosofia de trabalho do decanato. «Daqui pra frente é preciso fortalecer a unidade interna da equipe e cabe ao reitor coordená-la», opina. Sadi acha possível a troca de nomes na equipe ministerial de Cristóvam sem que seja alterado o arco político das forças que elegeram o reitor. «Os nomes devem ser expressos de uma aliança de sustentação», aconselha o presidente da ADUnB.

O decano de Assuntos Comunitários licenciado, Antônio Ibañez, aconselha ao reitor a elaboração de um programa emergencial para a administração da universidade, que balizaria a atuação dos futuros decanos. «A solução não vem pelos nomes», adverte. «No documento que encaminharei ao Conselho Universitário farei uma avaliação», anuncia Cristóvam, que pretendia apresentar seus nomes ao conselho, para homologação, no último dia letivo do primeiro semestre.

Mas nem todo mundo da comunidade universitária pode opinar sobre a mudança do decanato. «Nós não fomos ouvidos e nem fomos convidados» reclama o presidente da ATA-FUB, Rosalvo Bezerra. Deve ficar para a próxima gestão da reitoria a antiga reivindicação dos funcionários de indicar um nome para o Decanato de Assuntos Comunitários.

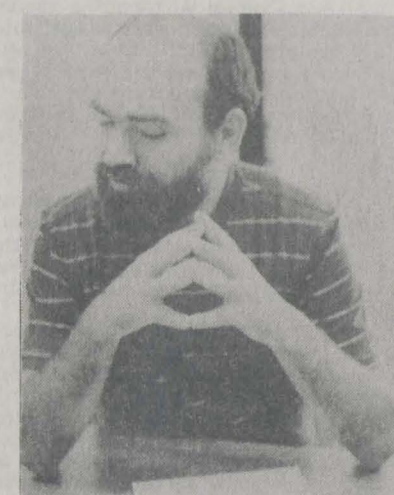
A sucessão em torno de nomes e programas

Ana Helena Rossi

As articulações para a futura eleição de reitor na Universidade de Brasília tomam corpo no momento em que a administração Cristóvam cumpriu metade do seu percurso. De fato, todas as forças políticas da comunidade universitária têm os olhos voltados para o futuro. No bojo das articulações, as mudanças na UnB, os projetos, a Estatuinte e tudo mais que interessa a gregos e troianos.

Na etapa inicial da corrida junto a «presidência» da Universidade de Brasília, vislumbram-se dois tipos de articulações. De um lado, um grupo cuja preocupação básica é explicitar um programa de trabalho, baseado em princípios. De outro, uma preocupação mais acentuada em torno de nomes, que teriam a capacidade de imprimir novo ritmo às discussões acerca do projeto da nova UnB.

Um dos expoentes do primeiro grupo é Antônio Ibañez, primeiro secretário da Associação Nacional dos Docentes do Ensino Superior — ANDES, cuja posição é salientar a importância de discutir programas de trabalho. Segundo ele, a partir do momento em que clareiam as propostas, amarra-se o candidato, e fica muito mais fácil levantar nomes que as encampem. Caso contrário, as candidaturas nascem soltas. Isso é condenável, avalia Ibañez, pois abre espaços para o clientelismo e outras práticas políticas já superadas. Resalta, também, que, no caso de existirem candidatos na «equipe ministerial» do reitor Cristóvam Buar-



Presidente da ADUnB não aceita ser reitorável

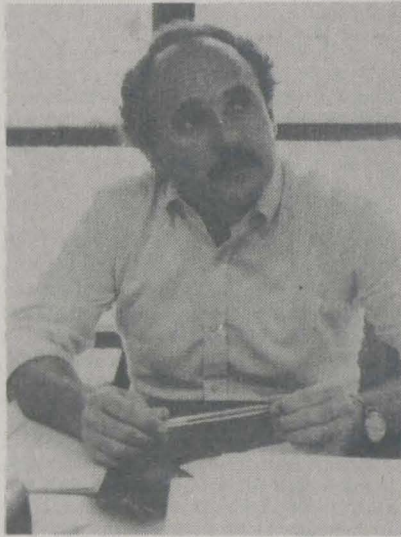
que, seria interessante a desincompatibilização.

Rosalvo Bezerra, presidente da ATA-FUB, acrescenta que é ridículo se pensar em campanha para reitor, quando ainda faltam dois anos. «Podemos barrar todo e qualquer avanço, colocando os carros na frente dos bois», ressalta. No entanto, os funcionários, não descartam a possibilidade de discutirem a eleição para reitor, num futuro próximo.

O segundo grupo, bem mais diluído, não tem posições tão claras e estruturadas a respeito de como deve ser o próximo pleito. Um de seus representantes é o decano de Extensão, Volnei Garrafa, que participou este mês de reuniões com professores de departamentos da UnB. «para discutir o processo de mudanças, e começar a ver nomes que surjam da discussão». Garante que reuniões como essas devem acontecer regularmente, e são fundamentais para o surgimento de lideranças naturais. João Cláudio Todorov, vice-reitor da UnB, um dos possíveis reitoráveis mantém-se discreto e esboça apenas um sorriso quando indagado se aceitaria ser candidato. Avalia que a sucessão, a depender da maneira que for encaminhada, pode fragmentar a base de apoio do reitor, o que seria um caos para a UnB. Para impedir isso, a pessoa do reitor é figura central para fazer o jogo de cintura e ser a balança na equipe, contornando os problemas. «Ainda faltam dois anos: as bases também podem levantar outros nomes», garante.

E, além das articulações formais, nomes surgem pelos corredores da UnB. Na linha de frente, os diretores de Instituto, e os presidentes de entidade. Lia Zanotta, diretora do Instituto de Ciências Humanas, Antônio Carneiro Barbosa, do Instituto de Ciências Exatas, Frederico Holanda, do Instituto de Arquitetura e Urbanismo são os mais citados. Em termos de entidade sindical, é fato que os presidentes da ADUnB são candidatos em potencial, embora Sadi Dal-Rosso explicitamente não passa pelos seus planos concorrer a tal função. «Vou fazer um pós-doutorado no exterior, daqui a dois anos», garante. E, Rosalvo Bezerra, presidente da ATA-FUB, quando indagado sobre isso, olhou de soslaio, sorriu e disse: «Você está mexendo em caixa de marimbondo».

estudaram em escolas privadas origina outro tipo de crítica. «A UnB só atende a classe alta», dispara o presidente da Associação dos Moradores de Taguatinga Sul, Genivaldo Lima. «Eu tenho quatro filhos e sei que nenhum deles terá chance de estudar na UnB», completa. «Os estudantes da UnB fazem parte de uma parcela mínima da sociedade, a elite», acrescenta Jaime Sveiter, presidente do Sindicato Patronal das Escolas Privadas.



... questionamentos a Buarque

A estratégia do reitor de liberar a criatividade da comunidade nos dois primeiros anos de sua gestão parece não ter sensibilizado alunos, professores e funcionários no nível desejado. Poucos alunos se engajaram, alguns professores questionaram o método da reitoria e os funcionários optaram por organizar sua própria associação. Boa parte da comunidade ainda considera a universidade burocratizada e excessivamente centralizada em seu processo decisório, embora somente os funcionários tenham discutido e apresentado uma proposta de estatuto.

Estratégia do reitor não é compreendida

João Carlos Fontoura

No dia 16 de agosto de 1985, assumia a direção de uma das mais conceituadas universidades do País o economista e professor Cristovam Buarque. Passados dois anos de sua gestão, numa avaliação do cumprimento dos compromissos assumidos, constata-se que a estratégia adotada pela administração ou não está funcionando ou ainda não foi muito bem compreendida por todos os segmentos da comunidade universitária.

Com o objetivo de avaliar o desempenho do reitor Cristovam e sua equipe, a ADUnB e o seu Conselho de Representantes reuniram-se no início de agosto. Essa reunião resultou na elaboração de um documento que relata as considerações dos docentes sobre «os avanços, indefinições e desacertos ocorridos nos últimos dois anos». Nele, os docentes reconhecem os avanços no processo de democratização quando da realização de eleições que facilitaram o acesso às instâncias superiores da universidade. Dentro desse «processo de liberalização», segundo o documento, é reconhecida a «transparência das ações administrativas» e o aumento das informações à disposição da comunidade, bem como a abertura do espaço institucional para a promoção de eventos no sentido da reaproximação e da melhoria das relações universidade-comunidade.

Porém, nem tudo foi positivo nessa avaliação dos docentes, já que fazem sérias críticas ao tipo de estratégia adotada pelo reitor e sua equipe. Ao invés de dedicar-se a profundos ajustes internos como a recuperação do nível de ensino, a descentralização administrativa e financeira, o fortalecimento dos colegiados e outras medidas acompanhadas de ampla discussão, a nova administração optou pela «liberação da criatividade», pela «provocação» como elemento de chamamento à participação. No entender dos docentes, a UnB es-

tava desagregada em função do processo de ruptura e não reunia condições para mudanças muito radicais. Por isso, a proposta implantada aumentou essa desagregação, havendo uma recusa implícita de enfrentar os principais problemas.

Concluindo a avaliação, os professores apontam como principais deficiências a falta de entrosamento e o desconhecimento dos problemas da universidade por parte da maioria dos membros da equipe administrativa, a centralização administrativa, financeira e de recursos humanos e a incapacidade de transformar os colegiados em fóruns de debate de política universitária — continuam sendo instâncias meramente burocráticas, de análise e despachos de processos.

Além desse documento, segundo o professor Sadi Dal Rosso, presidente da ADUnB, o movimento docente vem se mobilizando no sentido de levantar propostas para a Estatuante, realizando desde já avaliações setoriais que serão divulgadas no final de agosto e propondo discussões com o reitor e a comunidade, seminários para o levantamento de propostas sobre a estrutura de poder, ensino de extensão e compromissos a serem assumidos pela UnB com a comunidade.

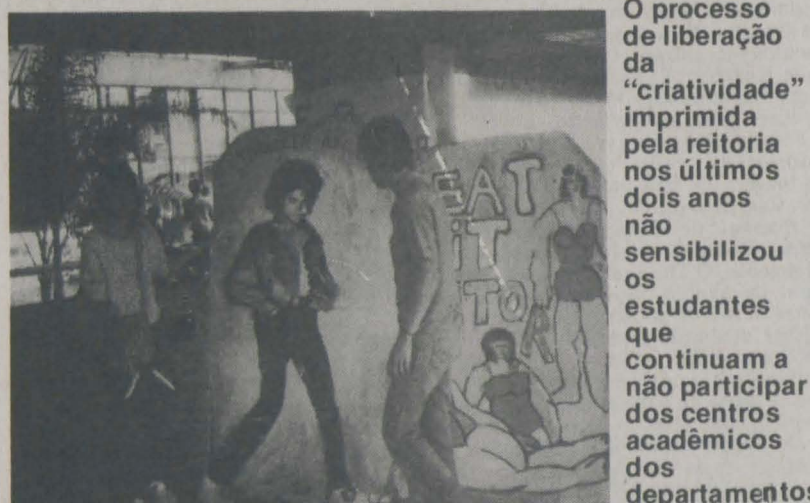
Essa questão também é levantada pela ATA-FUB, que até agora, foi a única entidade a propor oficialmente ao reitor a realização de um Congresso só para os funcionários com o objetivo de escolher e de definir delegados e datas para a Estatuante. Rosalvo Pereira Filho, presidente da ATA-FUB, eleito em janeiro de 1986, acredita na democratização implantada por Cristovam, porém também critica a burocratização e a centralização administrativa. Ele defende uma maior participação da comunidade em vários níveis — a Estatuante, por exemplo, no sentido de recuperar o conceito da universidade e adequar os anseios da UnB à comunidade interna e externa. «A nossa grande preocupação é que não haja mais os con-

flitos gerados pelo corporativismo que impera em todos os segmentos da universidade», relata Rosalvo.

Ao tomar ciência dessas críticas, Cristovam rebateu a afirmação da ADUnB de que houve um erro estratégico, na medida em que «não seria possível democratizar a UnB dedicando-se à política dos «pequenos ajustes». A administração estaria sendo acusada de não ter feito nada». No entender do reitor, «conseguimos realizar duas coisas fundamentais: uma radical democratização da universidade e a criação das bases e instrumentos para que ao longo dos próximos anos, a UnB possa se fazer como uma universidade grande». O reitor aponta como principais dificuldades de sua administração as indefinições geradas pela política econômica do Governo, a proibição de contratações e os conflitos causados internamente pelos três movimentos grevistas ocorridos desde setembro de 85 e que abalaram politicamente sua gestão.

No que diz respeito à consolidação do processo democrático através da elaboração do Estatuto e do Regimento da universidade, Cristovam concorda, porém, faz uma ressalva: «Há um ano lancei uma proposta de Estatuto para ser discutida pela comunidade e que serviria como início às discussões nesse sentido, mesmo achando que a iniciativa deveria partir da própria comunidade. Até agora, pouco se fez». O reitor afirma ser favorável à realização de um Congresso Universitário, inclusive fez uma consulta aos três segmentos. Essa questão foi levantada na última reunião, porém, qualquer interferência sua, como reitor, seria tutelada.

Independente da desmobilização e da lentidão do processo Estatuante e da falta de definições para a própria sociedade brasileira, à espera do andamento e conclusão da Constituinte, Cristovam acredita que se deve trabalhar para a elaboração desse Estatuto, mesmo que ele tenha que se adaptar, no futuro, à nova Constituição.



O processo de liberação da "criatividade" imprimida pela reitoria nos últimos dois anos não sensibilizou os estudantes que continuam a não participar dos centros acadêmicos dos departamentos

como ensino público e gratuito, a democratização da sociedade e outras palavras de ordem do gênero não ressoam na cabeça dos estudantes que frequentam a universidade na década de oitenta.

Mesmo assim há ainda quem aposte numa mudança. O Centro Acadêmico do curso de Agronomia garante que ocorreram mudanças na universidade que, mesmo indiretamente, ajudaram a motivar os estudantes. A vida do aluno mudou, podemos interferir no andamento da administração, participamos dos processos eleitorais, avalia o Centro Acadêmico de Agronomia.

Assim como os professores, os estudantes não discutiram a proposta de Estatuto da reitoria e nem apresentaram uma alternativa a ela. No CA de Agronomia há quem responsabilize o Cristovam por essa inércia. «O reitor espera demais e joga a responsabili-

dade que é dele sobre a comunidade», critica o CA de Agronomia. Outra crítica é quanto à burocracia da universidade, que teria mudado pouco ou quase nada. «O Decanato de Ensino e Graduação impõe normas que nos afetam diretamente sem nos consultar», queixa-se Kátia Alves, aluna de Letras.

Qualquer que seja a avaliação dos dois anos de Cristovam e do movimento estudantil nesse período, é preciso lembrar que a Universidade de Brasília e sua administração e os alunos não estão isolados do mundo. Fazem parte de um contexto político, econômico e social de um país. «A situação da universidade é sempre política. Qualquer coisa que se faça é preciso levar em conta a situação do país», ensina o futuro historiador Miguel Alexandre Neto.



Avaliação da ADUnB aponta erros e acertos

Jaul Ramalho

A ADUnB (Associação dos Docentes da Universidade de Brasília) é uma entidade integrada por aproximadamente 500 professores, que têm como objetivo modificações que levarão a total democratização e reestruturação da UnB e consequentemente mudanças na estrutura da universidade brasileira. Utiliza propostas e pressões, como greves, para concretização de seus ideais.

Nascida da luta contra o autoritarismo empregado na UnB, no período da ditadura, teve importância vital no processo que culminou com a eleição direta da atual administração. Por força das circunstâncias cedeu, na época, vários de seus quadros à nova administração. Mas em nenhum momento o movimento docente se confundiu com a administração do reitor Cristovam Buarque, atuando autonomamente em suas decisões.

No início de agosto a ADUnB promoveu uma reunião ampla do seu Conselho de Representantes em que foram avaliados avanços, indefinições e desacertos ocorridos nesses 24 meses da administração Cristovam. Dentre os avanços: eleições realizadas em diversas instâncias com aplicação do princípio da paridade, moralização das transferências de estudantes para UnB, articulação universidade-comunidade e tentativas de resolução de problemas crônicos da UnB foram considerados os mais importantes pela ADUnB. Já a «liberação da criatividade», estratégia adotada pela administração, que gerou a desarticulação de diversas iniciativas, bem como a preservação das formas centralizadas, herança das administrações passadas, foram consideradas como indefinições

e desacertos mais marcantes na administração Cristovam.

Na mesma reunião a ADUnB discutiu e definiu suas principais propostas para o próximo semestre: avaliação sistemática da UnB no terceiro fórum de debates; realização da Estatuante; desenvolvimento de uma política de ensino, pesquisa e extensão capaz de promover mudanças pedagógicas e curriculares; descentralização de poder em diversos níveis administrativos; ensino público e gratuito e democratização do acesso à universidade com garantias de vagas às escolas públicas.

A ADUnB é atualmente mais representativa, isso em decorrência do sucesso obtido em suas greves, a primeira em setembro de 85 pela isonomia e recentemente no início do semestre, politizando questões essenciais à vida da universidade, em que se conseguiu a unificação nacional dos salários dos professores universitários federais. O movimento fortaleceu-se ainda mais ao recusar a política desagregadora para reformulação do ensino superior proposta pelo MEC, mais precisamente o regime de 40 horas sem dedicação exclusiva e a GRIPE (Gratificação Individual de Produtividade do Ensino), que abririam espaço para a prática da já conhecida «picaretagem».

Segundo o presidente da ADUnB, Sadi Dal Rosso, não se visualiza greve para o próximo semestre, a não ser que haja perda de salários ou alguma intervenção violenta do MEC. O movimento docente continuará atacando as propostas infundadas do MEC por dentro da Universidade, através do Conselho Universitário. E manterá pressões sobre a administração por mudanças e correções de rumo necessárias para a consolidação de uma universidade democrática e funcional.

ATA-FUB surgiu na gestão de Cristovam

Theresa Tostes e Paulo Fona

Os dois anos de administração do reitor Cristovam Buarque foram marcados pelo processo de organização dos funcionários em Associação dos Servidores do Corpo Técnico-Administrativo da FUB (ATA-FUB). Com cerca de 50% da categoria filiada, a ATA-FUB enfrenta dificuldades que vão desde a não liberação dos dirigentes de suas atividades normais para a dedicação exclusiva à Associação até a falta de papel para fazer um boletim periódico.

E relevante, entretanto, o avanço conseguido pela diretoria atual em um ano e meio de sua gestão. Há o engajamento de grande parte dos funcionários em questões relacionadas à sua categoria e a aquelas mais gerais dos trabalhadores, através da participação efetiva nas três greves encaminhadas pela Federação dos Servidores das Universidades Brasileiras (FASUBRA) e nas três greves gerais encaminhadas pelas centrais sindicais, além de ter conquistado um cargo na diretoria da FASUBRA.

Sua posição diante da Administração Central é de intransigente defesa dos interesses dos técnicos administrativos e da Universidade como um todo. Mesmo assim tem sido vista como «atrelada» por alguns militantes do mesmo segmento e como corporativista por alguns alunos.

O presidente da ATA-FUB, Rosalvo Bezerra, rebate as críticas dirigidas à entidade. Na opinião dele, não há corporativismo e nem atrelamento à reitoria. As lutas desenvolvidas pela ATA-FUB demonstram, por si, a autonomia do movimento dos funcionários bem como sua postura a favor da construção de uma universidade mais afinada com os interesses da sociedade. Rosalvo, que trabalha no Departamento de Comunicação, prefere não comentar a Administração Central da UnB, mas lança algumas dúvidas em relação ao seu trabalho: «É fácil saber o que o reitor pensa, mas quem é que conhece a política de cada decano?».

— «Nunca deixamos de enfrentar situações que pudessem resultar em arestas com a Administração Central», endossa o vice-presidente da

ATA-FUB, João Alves. Ou seja, a direção dos funcionários nunca se preocupou em saber se suas atitudes agradavam ou não à reitoria. Para o vigilante Edemilson de Lima, militante da Convergência Socialista «A ATA-FUB é completamente atrelada à Administração e, infelizmente, não luta pelas reivindicações dos funcionários».

As críticas ao corporativismo também não encontram eco nas lideranças do movimento dos servidores da UnB. Em setembro de 1986, quando fizeram a primeira greve sem a participação do corpo docente, estava sendo discutida a vinculação da isonomia salarial ao projeto do GRES (Grupo Executivo da Reforma do Ensino Superior), de cunho privatizante, que eles não aceitaram. Quando o servidor luta por um plano de cargos e salários que visa a qualificação dos recursos humanos, vincula essas reivindicações àquelas de mais verbas para Universidade, ele está lutando pela instituição», resume João Alves.

Apesar de ter se estruturado nos últimos dois anos, a ATA-FUB ainda não está consolidada. Não há um levantamento exato do número de associados — o último ocorreu em janeiro —, a divulgação e a gestão administrativa são insuficientes, como reconhecem seus dirigentes. «Nossa maior dificuldade é a falta de gente com tempo disponível para atuar», aponta o vice-presidente da entidade, João Alves. Na pauta das reivindicações a serem conquistadas está incluída a dispensa de trabalho de toda ou pelo menos parte da diretoria. «Em outras universidades há diretorias inteiras dispensadas ou com carga horária reduzida», informa Alves.

Rosalvo também tem outra reivindicação: quer uma ativa participação dos funcionários na reforma administrativa da universidade, qualquer modo os funcionários procuram interferir no futuro da UnB. Foram o único segmento da universidade que discutiu a proposta de estatuto do reitor Cristovam Buarque e decidiu encaminhar proposta própria. «A ATA-FUB foi a entidade que mais cresceu na universidade, é o movimento que está mais organizado», reconhece Cristovam Buarque, sem querer atrelá-la à reitoria.

Depoimentos

Henrique de Arruda Forthmann, analista de Sistema do CPD, idade: 33 anos.

«A principal impressão é de que há, ao lado de um esforço pra informatizar a UnB, muitos apelos e talvez problemas sérios na área de decisão realmente. O Comando da Coordenação da Implantação de uma política de Informática me pareceu muito dissolvido entre diversos grupos por vezes conflitantes, de forma a dificultar muito o direcionamento único de uma política. Isso afeta diretamente a todos nós. A gente sente na pele, no dia-a-dia, os efeitos dessas indecisões.

Comparativamente, eu esperava bem mais. Na administração Azevedo, ele sabia exatamente o que ele queria da informática, o papel do CPD estava muito bem definido, o que não acontece hoje. Não tenho muita esperança de que a definição do que seja o papel do CPD venha de fora, da Reitoria, justamente em função dessas indefinições e indecisões no que diz respeito à área de informática. Portanto, cabe muito uma questão de conquista do órgão, ele conseguir definir projetos que, acima de tudo, realmente mobilizem as pessoas, agremiem-se em torno de um objetivo bem definido. Uma coisa que a gente vem se ressentindo muito é em relação ao suprimento de recursos, especialmente na área de microinformática, que é um ponto crucial para a informatização da UnB. A impressão é de que os equipamentos vinham de lambuja, um conflito muito grande entre o que foi dito e o que efetivamente foi cumprido».

Silvia Lima Abreu Garcia de Oliveira, funcionária da UnB e secretária do Decanato de Extensão.

«Antigamente, na administração passada, as atividades do Decanato de Extensão eram mais voltadas para o exterior. Agora, sente-se claramente um retorno ao que é do Brasil, ao que é nacional, valorizando pessoas daqui. Houve mudanças na nova administração, que criou projetos com a comunidade. Então, como muita coisa foi feita, o trabalho aumentou bastante. Criaram-se coordenadorias porque a solicitação cresceu em número e grau. O que não mudou foi a burocracia. Ainda tem muito papel e carimbos. Mas, algo preocupante é a irresponsabilidade de muitos funcionários. Eu aprendi. Quando envio cartas, sempre envio-as registradas.»

Marcelo M. Dantas, aluno recém-transferido da UnB

A gestão de Cristovam Buarque frente à Universidade de Brasília tem sido marcada por uma postura democrática, transparente e preocupadora de participação. Porém a Universidade continua apática, ausente, pouco produtiva, isolada e mergulhada numa profunda crise. A singularidade do fato está, não no caráter de exceção, mas sim, na regra que esta situação representa na vida da instituição.

A UnB, de universidade-modelo na sua proposta essencial, se transformou num símbolo de fisiologismo e ineficiência ao melhor estilo das repartições públicas. Vítima constante de greves reivindicando aumento de salários e menor tempo de trabalho, a Universidade não exige de seus docentes e servidores uma melhoria na qualidade de seus serviços para que os mesmos saiam do nível abaixo da mediocridade em que se encontram. Por sua vez, os alunos imprimem um comportamento inerte, fruto da ideologia deste momento histórico e da ineficiência do discurso disseminado no ambiente. Esta situação exigiria da Reitoria uma ação urgente para tentar salvar a UnB e toda uma geração, contudo, as iniciativas isoladas do Reitor ecoam ora num vazio — os estudantes — ora num emaranhado, a máquina viciada e indomável criada pela incompetência e desinteresse de professores e funcionários.

Rodrigo Mesquita/Arquivo CAMPUS



Nesse "castelo" que agora é da democracia, não existe uma boa articulação e entrosamento entre os trabalhos desenvolvidos por cada um dos decanos, que formam a equipe de Cristovam Buarque. Conheça as várias dificuldades enfrentadas nesses dois anos de administração.

Depoimentos

"Eu acho que a atual administração tem feito o máximo possível. É válida e eu acho que tem ido muito bem. Com a atual administração, a UnB mudou para melhor. Acho que pior do que estava não tinha condições de ficar. Inclusive você pode notar que até a entrada dessa atual administração a gente não tinha oportunidade aqui dentro; não tinha curso interno, não tinha nada. A partir do momento em que o professor Cristovam assumiu a reitoria, abriu-se esse espaço. Surgiram os concursos internos, que deram oportunidades a muitas pessoas que até então não tinham chance de subir aqui dentro, mesmo tendo um potencial aproveitável. Não tinham condições porque existiam, por exemplo, "os peixes" do professor Azevedo que assumiam todas as melhores vagas que tinham dentro da Universidade".

Cosmo José Balbino, 32 anos, funcionário da UnB há 10 anos, os últimos 5, trabalhando na secretaria do Departamento de Comunicação.

"Cristovam encontrou uma administração centralizada, e logo fez por onde descentralizá-la, dando maior autonomia aos órgãos de representatividade, dentro da UnB. Possibilitou maior participação da comunidade universitária, de modo geral. Do ponto de vista externo, conseguiu que as relações da UnB com o MEC se ampliassem. Pois o objetivo desse Ministério, tem sido mais o de apoiar as instituições de ensino superior, privadas, procurando com isso, livrar o Estado do ônus da educação, que é um dever seu. Embora restrita, houve uma vitória na luta pela contratação de professores, porque foi reconhecido o desfalque do corpo docente, o que ainda hoje é um fato, em virtude dos baixos salários, mas já foi bem pior. Na nova administração, de aproximadamente 200 professores solicitados ao MEC, apenas 73 vagas para contratação foram liberadas, das quais, 3 foram para o departamento de história, através de concurso, que é a norma mais democrática para o preenchimento de vagas".

Marcos Braga, 40 anos, Professor do Departamento de História, coordenador do Núcleo de Estudos da Europa do Leste. Há 2 anos na UnB".

"Antes de 1985 a UnB era voltada para o estudo de coisas antiquadas. Quem cursava a disciplina Filosofia, estudava uma história da filosofia totalmente superada. Na economia, não se discutiam as questões da atualidade. E precisava que na Universidade sejam discutidos problemas políticos contemporâneos. Cristovam Buarque pegou uma Universidade esclerosada, anacrônica, depois de 20 anos de ditadura, que só agora começa a sair do marasmo. Como Reitor de um período de transição, ele está superando obstáculos, e talvez seja o seu sucessor quem receberá os "louros da Glória". Uma Universidade não deve apenas ter professores de esquerda ou de direita. Isso significaria congelar o rico confronto de ideias e, consequentemente, cercar e cortar toda a possibilidade de criatividade. Cristovam está transformando a UnB numa unidade pensante, como agente despertador de novas ideias. Pois para dar diplomas existem as "universidades particulares", onde não há uma preocupação fundamental de polemizar os atuais problemas sociais, políticos e econômicos de maior relevância no Brasil. Eu gostaria de ter meus 20 anos para poder estudar agora na UnB. Mas fico feliz pela possibilidade de os meus filhos virem a estudar lá".

Roberto Hillas, 47 anos, jornalista político há 27 anos, residente em Brasília há 8 anos.

Reitoria: decanos correm em cinco raias

GRADUAÇÃO

Moralização e fim dos favores políticos

O Decanato de Ensino de Graduação exerceu nestes últimos dois anos um papel fundamental na nova fase da Universidade de Brasília. Segundo o decano, professora Paulina Targino, a administração atual recebeu o Decanato muito desorganizado e cheio de problemas, não só de ordem administrativa, mas também políticos.

Acabar com as concessões a políticos e militares foi um dos maiores problemas enfrentados pelo Decanato. Deputados, senadores e militares conseguiram, na administração anterior, que filhos, assessores e amigos ingressassem na UnB sem passar pelo vestibular, através de transferências sem amparo legal e outros artifícios. "Tudo era feito em excesso", denuncia Paulina Targino.

Os processos pedindo excepcionais chegavam aos montes. Havia semanas em que até 90 processos tinham de ser analisados e indeferidos. Somente em 1986, cerca de três mil pedidos foram negados. Assim, foi sendo quebrada uma rotina da administração anterior, de resolver tudo politicamente e não administrativamente. Mas não foi tão fácil. A professora Paulina afirma que sofreu pressões: alguns deputados reclamavam que eram "mais bem tratados na administração anterior". Um deputado do Acre chegou ao ponto de levar ao Decanato de Ensino e Graduação um processo em mãos para que fosse "resolvido" o seu caso.

Estas aberrações no processo normal de admissão na Universidade provocaram um inchaço no número de alunos em alguns cursos. É o caso da Medicina, que na década de setenta oferecia 40 vagas para o vestibular e passou a oferecer apenas 25 vagas, para beneficiar aqueles que entravam pelas portas dos fundos da UnB.

Outro problema a ser resolvido foi o sistema de matrícula, um verdadeiro pesadelo para os alunos. Segundo Paulina, aproximadamente 90% das disciplinas eram oferecidas no horário

da manhã, deixando a Universidade ociosa no turno da tarde. «A matrícula, aqui na UnB era um caos. Isso tudo fazia com que surgissem instrumentos que funcionavam como escape: o excesso de créditos para formandos e as matrículas à revelia», afirma.

Descentralização
Para tentar amenizar todas estas dificuldades, o Decanato de Ensino de Graduação tentou, ao longo destes dois anos, racionalizar o trabalho da Diretoria de Assuntos Acadêmicos — DAA, que receberá agora um novo sistema de computadores. Outra medida tomada foi a descentralização das atividades da DAA, o que gerou protestos por parte dos departamentos, que alegam não possuir o número de funcionários suficiente para o serviço.

Cursos noturnos
Um dos temas mais polêmicos da Administração Cristovam é a possível implantação de cursos no turno da noite. Segundo o reitor, o curso noturno é algo que a comunidade universitária precisa se mobilizar para conseguir. Já a Associação dos Docentes — ADUnB considera que os cursos noturnos já deveriam ser implantados. «Seria uma medida de grande impacto social porque a UnB poderia receber cerca de cinco mil alunos a mais com a implantação dos cursos noturnos», afirma Sadi Dal-Rosso, presidente da ADUnB.

Verão
Atualmente, o aluno da UnB não mais dispõe das disciplinas oferecidas no verão. Segundo a professora Paulina, o curso de verão foi suspenso porque era dado apenas para cumprir o calendário, sendo muito deficiente e por isso precisa ser reestruturado.

Outra mudança na vida do aluno de graduação da UnB foi o fim da Média Geral Acumulada — MGA. Segundo o presidente da ADUnB, a MGA era um instrumento de controle político sobre os alunos.

EXTENSÃO

Compromisso com a comunidade de Brasília

No segundo semestre letivo deste ano, o número de bolsas para atividades de extensão dobrará, passando de cem a duzentas. E cada aluno que estiver trabalhando durante 20 horas semanais com este gênero de atividade deve receber 1,6 salário mínimo, que corresponde, atualmente, a Cz\$ 3.151,50 — valor superior aos ganhos de uma empregada doméstica com mais de sete horas diárias ao pé do fogão. O surgimento de bolsas específicas para extensão, o número das mesmas, bem como os recursos financeiros a elas destinados, têm como base uma nova política adotada pela UnB, que objetiva a integração entre a universidade e a comunidade. Para tanto, medidas estão sendo tomadas desde que o reitor José Carlos Azevedo e seu possível sucessor em termos ideológicos deixaram a casa.

Quando o professor Cristovam Buarque assumiu as rédeas e repartiu o bolo, ao professor Volnei Garrafa coube o Decanato de Extensão e, visando levar à opinião pública a imagem de que a UnB realmente havia mudado, realizaram-se, em 100 dias consecutivos, 100 atividades de extensão — uma maratona de cujo grau de aproveitamento acadêmico ainda não se tem notícia.

As atividades de extensão da Universidade de Brasília, contudo, parecem ter perdido um pouco de sua filosofia inicial (mostrar serviço) e aos poucos aparecem como um trabalho experimental sério. O Decanato de Extensão, além de trazer ao campus pessoas como Paulo Freire e a viúva Hortência Allende e desenvolver o projeto de educação à distância, tem possibilitado aos alunos da UnB a participação como seres atuantes em um processo que pode firmar as bases de uma mudança social, através do desenvolvimento de atividades junto à população carente da região geoeconômica de Brasília.

Na Ceilândia, Novo Gama e Vila Paranoá, os alunos de Medicina, Serviço Social, Direito e outros cursos estão desenvolvendo trabalhos com os

membros da comunidade, tentando realizar um exercício interdisciplinar que associe a teoria à prática.

Com o "slogan" "Extensão: do assistencialismo ao compromisso" o professor Volnei Garrafa diz que a meta da atividade de extensão é contribuir efetivamente para que se construam os pilares de uma sociedade civil, através de um trabalho crítico, não assistencialista. E acrescenta: "O conhecimento produzido e acumulado pela universidade deverá ser aplicado a serviço da maioria da população. Esta contribuição visará fornecer à sociedade elementos para interpretação e transformação da realidade neste sentido, a extensão tem a tarefa de favorecer, de forma pluralista e participativa, a integração da universidade com a comunidade".

"Uma boa universidade terá de ter soluções para o País, através do ensino, pesquisa e extensão. E a universidade brasileira parece não estar tomando posicionamentos objetivos neste sentido". A afirmativa é do cineasta José Aciole, que é professor do Departamento de Física da UnB.

Segundo o cineasta, alguns atalhos seguidos pelo Decanato de Extensão da Universidade de Brasília não parecem trazer nenhuma novidade, uma vez que o trabalho é realizado apenas com uma pequena parcela da comunidade de uma cidade-satélite, muitas vezes com o emprego de teoria e prática já conhecidas, não contribuindo, por conseguinte, para nenhum trabalho consistente que possibilite mudanças significativas na sociedade. "A universidade não tem recursos para fazer este tipo de assistência", desabafo Aciole.

E as coisas andam meio confusas. Há lutas, como a dos estagiários em Direito que trabalham nos escritórios-modelos, a fim de tornar a atividade de "extensão parte do currículo, valendo créditos. Então surgem as dúvidas: será estágio remunerado, disciplina obrigatória ou optativa, uma simples disciplina prática ou ainda apresentará alguma coisa a ver com as metas traçadas pelo tão extenso Decanato de Extensão.

PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

Produção científica anual pode derrubar professores

Delmam Assis

A lentidão administrativa da Universidade de Brasília e a falta de memória no Decanato de Pesquisa e Pós-Graduação, foram as maiores dificuldades enfrentadas pelo Decano Isaac Roitman. O Decanato era totalmente burocratizado e ninguém sabia quem era quem e o quê fazia.

Foi preciso reativar os Coordenadores de cada curso de Pós-Graduação. O que antes só era feito pela Coordenação e Aperfeiçoamento do Pessoal de Ensino Superior — Capes, passou a ser feito também internamente. O Decanato hoje tem condições de avaliar seus cursos, 28 de mestrandos e 5 de doutorados.

Essa avaliação consta de um exame nos documentos sobre o curso, pela Câmara de Pesquisa, e pós-Graduação, que faz parte do Conselho de Ensino e Pesquisa na qual o coordenador é ouvido. Sugere-se modificações mas, se o staff do curso não corresponde, a intenção do Decanato é fechá-lo.

Dos cursos de Pós-Graduação da UnB, 50% são classe A, 26% são B, dois C, Estatística e Clínica Médica são D e o pior é o de Administração. Com exceção do curso de Direito, todos os outros cursos tiveram seus conceitos aumentados nestes dois anos. Mas, com a mesma qualidade e no mesmo período que as outras universidades, a UnB titula mestres em dobro. O que é muito importante em termos de formação de recursos humanos.

O Decanato aproximou o pesquisador das agências que fomentam pesquisa, logo no II semestre de 85. Ao mesmo tempo foi criado o Centro de Apoio à Pesquisa e dentro dele a Coordenação de Informação e Divulgação. Produziu dois volumes sobre toda produção científica da UnB, no período de 1985 a 1986. É uma estatística de todos os trabalhos produzidos a nível de pesquisa dentro da Universidade, como também um instrumen-

to de avaliação e saneamento.

O professor que não aparece naquele livro, recebe uma circular do Reitor, pedindo sugestões. Se daqui a 4 anos aquele professor continuar sem produzir, receberá outra carta em que o Reitor solicitará explicações. E uma forma de fazer com que o professor que não está fazendo nada, além de dar algumas aulinhas, sentir-se pouco à vontade na UnB.

Roitman diz que são demagógicas as ações quando se quer resultado a curto prazo. Cita Winston Churchill: a diferença existente entre o político e o estadista, é que o político pensa na próxima eleição e o estadista na próxima geração. E continua: Temos que lutar contra o espírito do Governo, que em nenhuma época teve a preocupação real de ter uma boa universidade no Brasil. Estamos num país em que há um deserto de competência.

A ideia é preparar jovens professores para a UnB do ano 2000, através da identificação de talentos nos cursos de graduação, com acompanhamento e incentivo dos professores. Como catalisador e incentivador, o Decanato precisa de instrumentos e atrair boas pessoas para a Universidade, o que não tem sido fácil. O Decano Isaac Roitman reclama da falta de cursos como Astronomia e Arqueologia. Este último só é encontrado na USP e na Universidade Católica de Goiás. "Agora temos um astrônomo, único em Brasília, dando uma disciplina na UnB".

Os recursos estão vindo do Banco do Brasil, CNPq, CAPES e de agências internacionais de fomento à pesquisa, com apoio da UNESCO e da Organização Mundial de Saúde. Porém, os auxílios mais polpudos vêm da FINEP — Financiamento de Estudos e Projetos, que vai dar para o Departamento de Geologia uma micro-sonda eletrônica, no valor de 500 mil dólares.

ASSUNTOS COMUNITÁRIOS

Ter serviços e produzir conhecimento

Roselle Amorim

Educação, habitação e alimentação. Essas foram as três prioridades de trabalho definidas pelo Decanato de Assuntos Comunitários, reestruturado na administração Cristovam Buarque, com o compromisso de consolidar o processo de democratização da Universidade. Para reorganizar e estruturar programas e projetos na área, a política de atuação foi clara: ressaltar o cunho social da Universidade e prestar serviços à comunidade aliando esses benefícios à produção de conhecimento acadêmico. A tarefa, a princípio, parecia delicada e sob a responsabilidade do Decanato estaria, por exemplo, o CO, bandeirão e bolsas de trabalho.

Quando o professor Antonio Ibarfiez Ruiz assumiu o Decanato em agosto de 85, existiam apenas programas e serviços dispersos, com um trabalho puramente assistencialista. Hoje o Decanato possui duas diretorias — de Serviços Sociais (DSS) e de Assuntos Comunitários (DAC) — e vários projetos em andamento. "Assumimos uma máquina parada e com defeitos: havia uma desorganização total dos programas e desconhecimento de tudo", afirma a professora Eva Faleiros, que substituiu Ibarfiez em abril desse ano e que dirigirá o Decanato até o dia 28 de agosto.

Integram o Decanato os Serviços de alimentação, alojamento e moradia, mercado de trabalho, apoio educacional, acompanhamento à comunidade infantil, apoio ao esporte, lazer e organizações comunitárias, serviço de saúde comunitária e artístico-cultural. Com essa estrutura, são desenvolvidos hoje projetos importantes na UnB como o Programa de Escolarização dos funcionários, que atende cerca de 200 servidores da Prefeitura, bandeirão e Fazenda Água Limpa. Neste projeto, assim como no Programa Infância-Juvenil e no Mãe Crecheira, Eva faz questão de frisar que não há um cunho apenas assistencial. "Eles são aliados à produção acadêmica, com a utilização de bolsistas e estagiários que aplicam e adquirem conhecimentos".

"Acredito que conseguimos muitas coisas nestes dois anos e tudo com muito esforço", diz a decano. Hoje o Decanato dispõe de 180 bolsas de trabalho (antes eram apenas 30) e quase 500 estagiários remunerados. "Posso garantir que hoje não existe um aluno carente da UnB que deixe de estudar por falta de condições mínimas financeiras", afirma Eva. O bandeirão também foi uma prioridade para o Decanato. Existe um programa de ginástica para seus funcionários e as questões de preço são definidas por uma Câmara formada pelos três segmentos da comunidade. No aspecto de moradia, está sendo firmado um contrato com a Cooperativa do BRB para a construção de casas para os servidores de baixa renda, através de financiamento da Caixa Econômica Federal.

A uma reivindicação antiga dos funcionários, porém, o Decanato foi contra — a criação de serviços de saúde da UnB. Para o antigo Decano, Antonio Ibarfiez, a sociedade tem que reivindicar seus direitos e tentar usar os próprios serviços da comunidade, principalmente porque a UnB não teria condições de arcar com os altos custos de um programa desta natureza. Para Eva Faleiros, "há no Brasil uma mentalidade de que os órgãos devem oferecer tudo aos funcionários", enquanto saúde, por exemplo, deveria caber prioritariamente e de forma eficiente ao governo.

Se a decano e o professor Ibarfiez reconhecem o trabalho desenvolvido até agora, também partem deles as críticas ao Decanato dentro da administração geral. "A política do Decanato foi definida e divulgada, mas não houve na época qualquer retorno dos segmentos envolvidos. Também não foi discutida nem absorvida pelos outros Decanatos e até hoje não há uma interação entre eles", afirma Eva Faleiros. Para Ibarfiez, falta hoje uma discussão e avaliação de toda a estrutura pela equipe. "Havia a impressão de que cada decano tinha um feudo e não aceitava ou procurava opiniões dos demais. Isso contribuiu de forma negativa para a administração geral e se houvesse um trabalho interligado, talvez não chegassemos a esse ponto de desagregação que existe hoje nos Decanatos", ressalta Ibarfiez.

Todos os homens do reitor

Eles são cinco, formando uma equipe que ouve muito e fala pouco, que acredita no diálogo como a melhor forma de decidir os problemas de cada decanato. Uma característica em comum: conciliar suas atividades acadêmicas com os ossos do ofício administrativo.



Volnei: luta por igualdade



Isaac: só, nada muda.



Versiani controla dinheiro



Paulina permite o diálogo



Eva: MEC usa estratégias

Levar ação para fora do campus

O professor Volnei Garrafa, 40 anos, é graduado em Odontologia, doutor em Ciências e decano de Extensão da Universidade de Brasília, onde continua a exercer atividades docentes nos Departamentos de Biologia e Odontologia, ministrando o curso de Fundamento de Histologia e colaborando na disciplina Odontologia Social.

De 1979 a 80, era responsável pelo Boletim da ADUnB (Associação dos Docentes da Universidade de Brasília), foi presidente desta Associação de 80 a 82 e membro da diretoria do Sindicato dos Professores no Distrito Federal.

Volnei Garrafa tem vários trabalhos científicos publicados, dentre eles um feito durante o tempo em que era presidente da ADUnB — Câncer Bucal, com parceria de Antônio Fernando Tommasi. O livro Monopólio da Saúde, ilustrado pelo chargista Gougou, é a obra mais polêmica do professor Volnei.

Hoje, no Decanato de Extensão, tenta levar a UnB para fora dos muros, buscando uma política não-assistencialista que faça com que alunos, professores e membros da comunidade se associem na luta para a formação de uma sociedade com menos desigualdades sociais, em que os homens tenham oportunidade de realizar o exercício da cidadania.

Revolta contra a desorganização

Nunca será candidato a coisa alguma e acha que como é um decano incompetente, pois se sua competência é para fazer ciência e ser professor, seria também um reitor incompetente. Diz Isaac Roitman, Decano de Pesquisa e Pós-Graduação.

Paulista, 48 anos, casado, 4 filhos, formado em Odontologia sem nunca ter exercido a profissão, pós-graduou-se em Microbiologia na Federal do Rio de Janeiro, quando ainda estava sendo implantado o sistema de Pós-Graduação no Brasil. Tem três cursos de pós-doutorado: um nos Estados Unidos, outro em Israel e outro na Inglaterra.

Veio do Instituto de Microbiologia do Rio de Janeiro, em 1972, passando em 74 a ser professor titular no Departamento de Biologia Celular. É professor em oito cursos de pós-graduação e está orientando duas teses de doutorado. Cerca de 60 trabalhos seus foram publicados em revistas internacionais.

Tem seu próprio partido e não confia em nenhum outro. Ideologicamente acredita no partido do dia-a-dia. Crê que as pessoas podem se conduzir, de maneira sadia, obedecendo a poucos princípios. Revoltado com a desorganização social do Brasil, tem a consciência de que sozinho não mudará nada e não confia nas soluções, do jeito que estamos organizando o país.

Jogador de tênis e xadrez, gosta de viajar, Isaac Roitman recebeu recentemente várias propostas de trabalho para deixar Brasília, cidade que o atrai muito. Mas se for o mais útil em outro lugar...

Não ao messianismo e aos chavões

O decano de Administração e Finanças é PhD em Economia e está na Universidade de Brasília desde 1971. Atualmente é responsável por duas turmas de pós-graduação no Departamento de Economia, no qual já ocupou os cargos de chefe e Coordenador de Graduação.

Flávio Versiani se considera um socialista, no sentido menos moreno do termo. E a favor das eleições diretas para presidente e assumiu o Decanato imediatamente após a indicação do reitor Cristovam Buarque. Quanto ao Plano Cruzado, o decano é, principalmente, contra o messianismo que o caracterizou no seu início e que se tenta revitalizar até hoje, com slogans como "Tem que dar certo".

Ele acredita que é fundamental a consolidação da democracia no País, e que ela vem se mostrando, de maneira evidente, na Universidade de Brasília. Considera a classe política pouco preocupada com a distribuição orçamentária e o sistema tributário do País, que não são nada equânimes, reiterando que a democracia exige, antes de tudo, que sacrifícios desiguais não ocorram.

Fundamentalmente se vê como um professor, e anseia por levar adiante suas pesquisas. Acha essencial a interação professor-aluno e declara que não pretende trabalhar o resto de sua vida nos setores administrativos, mas permanecerá no decanato, onde seu trabalho vem sendo bem recebido pelo reitor, com quem tem ótimo relacionamento.

Estilo rígido para moralizar o ensino

A professora Paulina de Freitas Targino, 44 anos, entrou na Universidade de Brasília em 1973. Ela veio do Rio de Janeiro para ser professora no Departamento de Medicina. Atualmente, além de exercer o cargo de Decano, Paulina dá aulas de endocrinologia.

Desde que assumiu o Decanato, há dois anos, Paulina sempre se caracterizou por um estilo rígido ao buscar todas as formas de moralizar a administração do ensino de graduação na UnB. Os funcionários que trabalham com Paulina afirmam que apesar de sua rigidez no cumprimento do trabalho, ela permitiu um maior diálogo entre o Decanato e os funcionários. "A professora Paulina é muito compreensiva com os funcionários ao dar todo apoio para que nós façamos um trabalho integrado, o que facilita também a vida dos alunos", afirma José Cândido Rocha, funcionário da DAA. "A professora Paulina é uma pessoa de decisões muito rígidas, mas em contrapartida, permitiu um entrosamento que não havia antes", diz Eleni do Nascimento, Chefe do Serviço de Acompanhamento e Serviço Discente.

Questionada sobre sua posição política dentro da Universidade, Paulina afirma que era contrária à administração passada, mas agora que faz parte da administração atual está mais envolvida com os problemas do Decanato do que com o movimento docente dentro da UnB. Ela diz que quando deixou o Decanato, pretende se dedicar às suas aulas de endocrinologia.

Democratizar a UnB: tem que dar certo

Eva Faleiros, professora do Departamento de Serviço Social, entrou para a UnB em 1984 e no ano seguinte assumiu a Diretoria de Serviços Sociais, do Decanato de Assuntos Comunitários. Com a saída do professor Antônio Ibañez Ruiz em abril desse ano, para a direção nacional da ANDES, Eva foi o nome escolhido para dar continuidade ao trabalho que já vinha sendo desenvolvido no Decanato. Embora o reitor já tenha demonstrado interesse para que a professora continue à frente do DAC, ela pretende continuar dando aulas e se dedicar ao Departamento.

"Acho que contribuí muito aqui e se queremos democratizar a Universidade, temos que fortalecer os departamentos e melhorar o ensino".

Como decano, acredita que as conquistas foram grandes nesses dois anos e teve como maior dificuldade para seu trabalho, a questão de verbas. "É difícil o relacionamento com o MEC porque ele quer manter uma imagem ruim do ensino público e da UnB, por exemplo, com as greves constantes. Há uma orquestração para que a coisa fique parada e certas atitudes soam como estratégia", afirma Eva Faleiros. Certa de que a administração Cristóvam está conseguindo cumprir compromissos importantes na democratização proposta, a professora se diz "apaixonada pela UnB". "Por todo seu processo histórico, é importante que a UnB dê certo, pois será a prova de que a democracia é melhor que o autoritarismo", conclui Eva.

Depoimentos

Edmilson Gonçalves de Oliveira, secretário do Departamento de Geografia e membro do Conselho de Representantes da ATA-FUB, 39 anos dos quais 19 dedicados à UnB.

Azevedo excessiva centralização, Cristovam excessiva descentralização. Não vejo muita mudança para melhor no que diz respeito ao trabalho dos técnicos administrativos na atual administração. De repente a gente não sabe quem está responsável pelas coisas na UnB.

Acho que a excessiva racionalização mudou para pior, porque não existe racionalização do trabalho, para que ele torne mais produtivo. De dois anos para cá se fez muito, mas os pés saíram do chão. Muitas vezes as decisões são tomadas e nós só ficamos sabendo depois, quando já estão na praticidade da nova ordem da reitoria.

Por outro lado, hoje os funcionários podem estudar na UnB. Mas, mesmo assim, ainda é difícil, porque a falta de pessoal e o acúmulo de trabalho dificultam a frequência às aulas, como é meu caso como aluno especial.

Rita de Cássia, 22 anos, estudante do penúltimo semestre do curso de antropologia. "Sinto que a figura do Cristovam está presente nos eventos da Universidade de Brasília. Nesse sentido, esse reitor é mais popular que o Azevedo, a quem não viamos circular. O Cristovam é figura preocupada com a UnB. Indiscutivelmente, existe um bem-estar, um espaço de abertura. Hoje, nessa nova administração, sentimos mais legitimados para fazer as coisas, e tomar iniciativas". "Quanto à parte burocrática, não tenho condições de avaliar a administração por exemplo na parte de matrícula. Eu já estou quase saindo do curso, e a antropologia não é modelo para nenhum outro curso. Aqui, a procura de vagas para disciplinas é muito baixa. Sempre sobram vagas. A crítica que faço é quanto à implantação dos cursos noturnos. Havia uma expectativa muito grande para que se transferisse gradativamente os cursos à noite. E, realmente, não vi mobilização alguma ocorrer desde que a nova administração assumiu. Isso ficou pendente. Aqui na antropologia, assisto aulas à noite, por entendimento recíproco e iniciativa individual dos alunos e professores".

Thais Bastos, 26 anos, aluna de Economia e jornalista da Gazeta Mercantil, graduada na UnB.

"As mudanças processaram-se mais no espírito das pessoas, no clima dentro do campus, mas os problemas acadêmicos permanecem intocáveis. Inexiste um canal eficiente de comunicação entre os alunos e a Diretoria de Assuntos Acadêmicos (DAA), a burocracia é enorme e continuam reinando a mediocridade e o desleixo de professores e alunos na condução do aprendizado". "E preciso, antes de mais nada, atacar a burocracia e o desrespeito. Estou cansada de não ter horários de aula, onde cada um chega e sai a hora que quer, de ver bons alunos e picaretas recebendo as mesmas menções, e sobretudo, de não ter um acompanhamento maior dos professores, que quase nunca se encontram na universidade fora de seus horários de aulas". "Fui considerada uma boa aluna no curso de Comunicação, me graduei com excelente menção final e, no entanto, nunca li um livro sequer nos quatro anos que passei ali. Tudo muito largado e não sei se esta liberdade tem futuro".

Editora da UnB supera a crise

Luíza Adriana Mouta

Ao assumir a direção da Editora da UnB — EDU — em abril de 1985, o professor Timothy Mulholland e sua equipe encontraram uma grave crise. A Editora estava com a produção de 70 títulos, atrasada em quatro gráficas. As vendas estavam paralisadas, num nível muito aquém do giro adequado de estoque e uma receita condizente com os gastos.

A lista de títulos lançados desde abril de 1985 coloca a EDU entre as 15 maiores editoras do País. Em termos de qualidade técnica, foi estabelecido um rigoroso controle sobre os textos publicados, reduzindo a um mínimo as falhas de padronização, tradução e revisão. O fluxo da produção foi normalizado e o Conselho Editorial pretende alcançar a meta de, em média, 60 novos títulos por ano.

Os compromissos da nova política editorial se resumiram nos seguintes: zelar pela qualidade das linhas editoriais e das obras editadas do pensamento e cultura nacionais; resgatar a Editora para a comunidade universitária, promovendo a edição de textos de autores nacionais — especialmente aqueles dirigidos ao ensino; abrigar a edição de teses, estudos e debates desenvolvidos na universidade; incentivar e promover a edição de obras com temas relativos à atualidade nacional e do Terceiro Mundo, especialmente a América Latina e Caribe.

A reedição de livros esgotados está sendo implantada para manter os de maior vendagem em circulação e auferir a receita correspondente, sem prejuízo das novas obras. Sempre que viável, tem-se optado pela coedição para ratear custos e mão-de-obra, buscando a cooperação com outros órgãos governamentais e com o setor privado.

Um passo decisivo na ocupação do espaço político e editorial, foi a reformulação da revista *Humanidades*, em

agosto de 1986. A UnB demonstrou inegável competência no aproveitamento do seu corpo docente, e de pensadores de destaque no meio intelectual e universitário brasileiro. A manutenção do padrão editorial e gráfico da revista, de sua periodicidade e distribuição nacional, assim como a obtenção de relevantes patrocínios (Banco do Brasil, BRB, CNPq, Finep, Sase, Shell, etc), representam uma vitória palpável.

Embora a situação tenha melhorado, ainda ocorre a falta de funcionários e deficiências de controle de infra-estrutura. Contudo, o progresso e experiência alcançados pelo Conselho Editorial, criou condições para a crescente e contínua integração entre a política editorial da EDU e os interesses da comunidade universitária, que recebeu um tratamento diferenciado no que diz respeito à comercialização. Diz o professor Timothy: "Não poderíamos continuar tratando a UnB como um mercado qualquer, dentro da filosofia de que existimos, fundamentalmente, para servir-la". E acrescenta: "Já dispomos, inclusive, de base para acompanhar e processar na própria editora, dados financeiros e gerenciais, o que é essencial à flexibilidade e a sua autonomia. Porém, maior que o desafio administrativo, é o desafio político — de se formular um conceito de editora universitária. Apesar dos grandes investimentos, nós não temos nenhum modelo consagrado. Somos a única editora universitária que tem um público nacional; o que significa maior responsabilidade. A preocupação dessa administração é a de consolidar os avanços já alcançados, e de manter o ritmo desse processo. Para tanto, é importante contar com o apoio de toda a comunidade universitária, à qual a editora se destina primordialmente a servir".

Não perca

Estudantes do Brasil

Sessão Maldita
Cine Dois Candangos
28-8-87 — 6ª feira
Meia-noite





Ricardo 87

A história da UnB coincide com um período negro para a cultura e o ensino do país. Durante o período militar, o cargo de reitor foi ocupado por obscuras marionetes do regime e ganhou uma conotação negativa e depreciadora. Coube a Cristovam Buarque romper esse pacto de mediocres e tentar restaurar a legitimidade para um cargo desgastado pelo passado e imprevisível quanto ao futuro. Nessa entrevista, o primeiro reitor eleito diretamente pela comunidade universitária fala da solidão da função que ocupa, critica as elites brasileiras, analisa a eterna presença dos militares na vida política do país e conta seus planos para o futuro. Analise as opiniões do homem que rejeita o rótulo de utópico no receio de sugerir fragilidade.

O reitor pedagogo da democracia

Ricardo Miranda Filho

O sonho não acabou. Muito pelo contrário. Pelo menos enquanto existirem homens como Cristovam Ricardo Cavalcante Buarque, 43 anos, primeiro reitor eleito pela comunidade universitária nos 26 anos da UnB. Pernambucano de Jaboatão, é formado em Engenharia Mecânica pela Universidade Federal de Pernambuco e em Economia pela conceituada Universidade de Paris, Sorbonne. Da França guarda também as lembranças de um emprego como porteiro da noite de um hotel parisiense. "Detestava arrumar a cama para os outros dormirem", brinca Cristovam. Exerceu cargos acadêmicos na Universidade Federal de Pernambuco, Universidade Católica de Pernambuco, American University, em Washington, além da UnB. Perambulou por diversos organismos nacionais e internacionais, públicos e privados, como CNPq, FAO (órgão das Nações Unidas para a alimentação e agricultura) e Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID).

Em 1978, Cristovam apoiou a campanha de Marcos Freire para o governo de Pernambuco. Resolveu vir para Brasília, chegando a 15 de março de 79, exatamente no dia da posse do general Figueiredo. "Eu vim por opção. Investi na abertura", revela. Ele contava com o sucesso da democratização do País, já que "a direita tinha de abrir para não explodir". A incrível dina-

micidade da história política brasileira dos últimos anos colocou o País entre a transição com Tancredo e o retrocesso com Paulo Maluf. "Eu ajudei a colocar o Tancredo aí muito antes da maioria", explica Cristovam.

Os ventos da Nova República levaram Cristovam a aceitar a chefia de gabinete do ministro da Justiça, Fernando Lyra, seu conterrâneo e velho companheiro. Ele lembra que Lyra necessitava de alguém da mais absoluta confiança para ocupar aquele posto-chave da pasta. O ministério, no entanto, foi esvaziado com a ascensão de Sarney. "Houve uma ressaca cívica depois da posse de Sarney, o que gerou um certo acomodamento". Mas complementa: "O governo de Tancredo teria sido um pouco diferente, mas não exageradamente". O reitor diz que não está decepcionado com a Nova República e vira suas baterias para outro alvo: "Eu não lamento o Sarney, mas a incompetência da elite brasileira. A grande elite na qual estão PMDB, PFL, empresários, nós inclusive. Tudo aquilo que não for a classe trabalhadora de fato. Incompetência de administrar esse País para que não haja a opção entre uma explosão pela esquerda, talvez antes do tempo, ou uma volta ao fascismo. O problema maior é a falta de um projeto claro. De estratégia. E agora uma coisa mais grave: a falta de credibilidade

para fazer isso. A elite foi muito hábil para acabar com o regime militar. Acabou com menos trauma do que a Argentina. Mas não consegue sair da perplexidade." A tutela militar preocupa Cristovam, que acha que, se Tancredo fosse o presidente, teria mais autoridade junto às Forças Armadas. "O Sarney serviu aos militares, mas de repente ele poderia mostrar que era hora dos militares servirem a um projeto", avalia. Mas, para Cristovam, Sarney não está conseguindo isso. Ele não nega temer um novo golpe militar. E qual seria a solução para se sair dessa gangorra histórica, onde golpes e governos de exceção pontilham breves períodos de estabilidade democrática? "Através de um processo de construção da democracia, que vai implicar no desafio de construir partidos, acabar com o corporativismo, abolir a pobreza, renegociar a dívida externa, tudo isso".

Cristovam acha que o País perdeu uma grande oportunidade de resgatar a dívida social com o povo devido aos erros do Plano Cruzado. "Eu apoiei o cruzado. Mas eu escrevi: essa é uma etapa para consolidar o pântano — a crise monetária. Se em maio de 86 se tivesse feito um projeto de reforma agrária e uma moratória, a gente estaria em outro país." E completa: "E convocada também a eleição direta em dois anos". Mas Cristovam preferiu não revelar se é a favor da atual campanha pelas eleições presidenciais diretas em 88.

O cargo de reitor alterou bastante a vida desse intelectual que se define hoje como um "pedagogo da democracia". Ele já não tem tanto tempo para se dedicar ao convívio com sua mulher, Gladys, com quem é casado há 16 anos, e suas duas filhas, Júlia e Paula. Os amigos dos tempos de professor de Economia também sofreram o afastamento desse homem apaixonado pelo trabalho. "Hoje eu não tenho quase amigos para bater papo furado", lamenta. Ele reconhece no seu cargo um drama, agravado pelo fato de que fica até tarde, além do expediente normal: a solidão. Confessa que já se sentiu tentado a deixar a função, mas nada suficientemente sério para alguém que se recusa a conjugar o verbo renunciar.

Se os alunos da UnB ganharam um reitor que se atreve a sonhar, o mundo literário perdeu, ao menos temporariamente, um poeta e romancista entusiasmado. As poesias ainda são um segredo que uma forte autocritica não permite vir à tona. Mas o contista já publicou dois livros: "A Ressurreição do General Sanches" (81) e "Astúcia" (84). Ao final de seu mandato, em 89, diz que pretende "voltar pro meu departamento, me dedicar mais a escrever meus ensaios e minha literatura".

Isso pode soar estranho para quem já ouviu o atual reitor ser lembrado como nome certo para concorrer ao Governo do Distrito Federal. Ele não nega que "uma parcela do PMDB" o incentivava a tentar vãos mais altos, mas rechaça que tenha tal pretensão. De início, ele diz ter sérias dúvidas

quanto à realização de eleições diretas para o GDF, devido à resistência de muitos quanto à autonomia político-econômica da capital. Mas já se diz a favor do pleito. Outra dificuldade captada por Cristovam seria arranjar espaço num PMDB de muitas faces. "Não sou inscrito no PMDB. Nem militante do partido. Eu fui fundador do MDB, ainda como estudante", explica. Mas acha que falar em candidatura agora seria "uma besteira".

"Ser reitor era mais difícil do que eu imaginava. Mas também eu estava mais preparado do que imaginava", avalia. Para Cristovam, a diferença fundamental entre a UnB de hoje e a da época de Darcy Ribeiro é que "hoje a sociedade brasileira não tem um projeto claro. Ela está perplexa". Ele acha que, em épocas de futuro nebuloso, a universidade deve se envolver na solução da crise que está instalada. Mas, antecipa: "Eu sou contra qualquer universidade modelo. Cada uma deve ter o seu projeto".

Cristovam está preocupado com o abismo criado entre a UnB e a comunidade externa. Diz que qualquer pesquisa revelaria uma situação muito triste e seria uma verdadeira "porrada" na universidade. "A sociedade desconhece a UnB", resume. Ele lembra o momento raro que vivemos com uma Assembleia Nacional Constituinte instalada ao lado. Acha que devemos todos funcionar como pintores de um novo retrato do Brasil e não como restauradores a remendar uma realidade deteriorada.

ele disse que ainda não é hora de avaliá-lo, mas deu um alerta: "O que tem que ser corrigido e rápido é o arrocho salarial e a recessão, pois se não houver uma reposição salarial, o resultado pode ser a recessão com a inflação e aí a situação vai ficar bem pior do que estava".

Segundo o professor Todorov, a UnB pode ser considerada a melhor universidade do país se se levar em conta que as outras grandes universidades brasileiras têm muito mais tempo de consolidação, muito mais dinheiro e se localizam em regiões mais ricas. A UnB, apesar de estar no meio do cerrado e sem a ajuda de grandes centros metropolitanos, é formada por professores de alto nível, ótimos cursos de pós-graduação, além de ter dobrado o número de doutorados e aumentado cada vez mais sua produção científica. Sobre o destino das verbas públicas para a educação, ele é radical: "O dinheiro do povo é só para a escola pública".

Quanto à possibilidade de ser candidato à reitor nas próximas eleições, Todorov disse ser prematuro pensar em candidatura na metade da atual administração, pois ainda acontecerá muita coisa até o final dessa gestão. "Até lá eu posso estar cansado da UnB, ou ela pode estar cansada de mim".

A verdade é que o professor Todorov quer pensar na atual administração e não na futura, pois ainda há muito o que fazer. Esses dois primeiros anos de gestão foram muito agitados, mas também muito produtivos. "Há alguns anos atrás, todos estavam desanimados. Hoje isso mudou completamente. É hora de se consolidar essas mudanças. Segundo ele, não há mais tempo de criar novos projetos, pelo menos por enquanto. E hora de tocar o que já se tem como, por exemplo, os Centros de Estudos Avançados Multidisciplinares, as conversações sobre cargos e salários mais estimulantes aqui dentro, os trabalhos novos de extensão, as mudanças na graduação, no ciclo básico e no sistema de seriados e muitos outros projetos.

Depoimentos

"Como aluna da UnB acho que as burocracias internas estão diminuindo ou, pelo menos, tem gente tentando fazer com que isso aconteça, o que é o mais importante. Acho também, que a comunicação entre os alunos e a Reitoria melhorou muito, apesar de os alunos estarem muito acomodados ultimamente, mas isso é um reflexo da atual universidade brasileira; a falta de discussão está generalizada e é difícil fazer um curso universitário dessa maneira. Por isso, acho importante o apoio e a atenção que o reitor vem dando para os alunos que o procuram com problemas, soluções e sugestões, pois sem esse diálogo, vamos continuar brincando de ir a aula e conseguir um "canudo" no final do curso".

Maria da Graça Oliveira — 24 anos
Licenciatura em Música

"Eu tenho visto com bons olhos essa administração de Cristovam. Acho que houve um progresso muito grande em relação à administração antiga. Claro que há muitos problemas e dificuldades para resolver, mas, existindo o convívio sempre aberto à participação e com a atual transparência, tudo aos poucos vai sendo superado. Hoje há acesso para se ver o que há de ruim e criticar. Quanto às coisas que não estão funcionando, acredito que sejam decorrências de um contexto nacional, quer dizer, todas as universidades estão com problemas, e a universidade não é tão autônoma quanto se pensa que é.

A democratização já existe, a partir do momento que há a transparência. Um exemplo é o próprio CAMPUS e o BOLETIM, mas isto não quer dizer que tudo acontecerá de uma hora para outra. Ainda tem a necessidade de dar uma mexida geral, e já é tempo de se fazer isto, devagar, porém, porque herdamos uma estrutura de universidades e não modificaremos essa estrutura de repente".

Joaquim Caixeta, professor de francês, há sete anos do departamento de línguas estrangeiras.

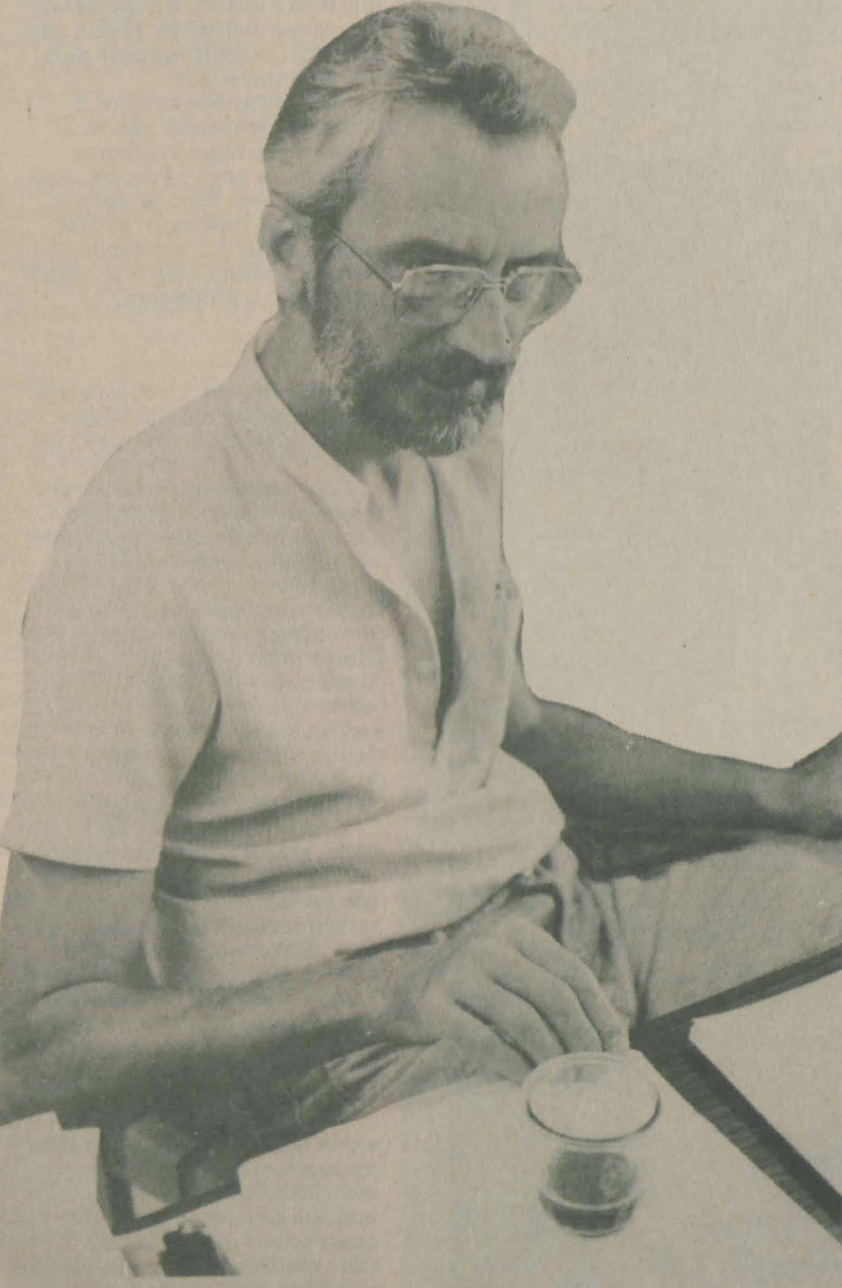
"Em minha avaliação, o mais importante nestes dois anos foi o imenso espaço de liberdade criado, e que às vezes assusta, que vem possibilitando à comunidade acadêmica ousar e produzir novas realidades. Dizia Mircéa Eliade que para viver no mundo é preciso construí-lo. No dia-a-dia, nos processos sociais, nada cai do céu. Os fatos são produzidos pelos homens. Esta liberdade conquistada na história recente da UnB é um belo exemplo disto, sendo o movimento empreendido pelos docentes a principal ferramenta na recuperação dos mecanismos de funcionamento democrático desta instituição. A liberdade, bem supremo, ensina a criatividade e hoje às vezes a gente sente até uma preguiça, como o Macunaíma, de tanta coisa significativa sendo produzida simultaneamente na sala de vídeo, no cineclube, nas quintas musicais, nos seminários, palestras, no 1º grau sendo feito pelos funcionários, nos núcleos temáticos, na extensão do saber acadêmico à coletividade. Sendo a UnB a Universidade que tem a marca do pioneirismo, nascida no quadro do belo projeto de Nação dos anos 60, vinculada à defesa dos interesses nacionais, acredito ser o momento, após estes dois anos em que muitos projetos puderam emergir, de direcionar toda a energia criadora desta Universidade para transformá-la em pólo catalisador e irradiador das demandas da sociedade, contribuindo assim para as mudanças que o País espera. Sinto-me feliz de ser contemporânea deste período de democratização."

Maria Rosa Abreu
Professora da Faculdade de Educação

Entre a vice-reitoria e a pesquisa

Valéria Cristina Castanho

Amante da pesquisa, o vice-reitor da UnB, João Cláudio Todorov, não abandona seus alunos e nem seus trabalhos práticos na área da psicologia. Vindo para cá recém-formado para montar o Departamento de Psicologia, ele se considera um filho da UnB, porém um pai para seus alunos, que segundo ele, "podem ser soltos no mando, pois estão bem encaminhados."



Ele tem fama de fechado e mal-humorado, mas a gente não precisa mais de meia hora para descobrir as verdadeiras qualidades do vice-reitor da Universidade de Brasília, João Cláudio Todorov: simples, dedicado, pesquisador, mas também um pouco impaciente, ele se acha muito ligado à UnB e principalmente ao Departamento de Psicologia, onde leciona desde a sua fundação.

"Eu me sinto filho da UnB, eu vim para cá em 64, quando tinha apenas 22 anos". Mesmo antes de terminar o bacharelado na USP, ele já tinha sido convidado para integrar a equipe de professores que iria montar o Departamento de Psicologia da UnB. Prepararam o material didático para o novo curso e em agosto de 64 deram início às aulas. Todorov disse que naquela época o curso tinha poucos alunos, pois a cidade era pequena. "Eu tenho muita saudade de Brasília do jeito que era". Segundo ele, a Festa dos Estados era um acontecimento porque todos se conheciam.

Todorov fez seu mestrado aqui mesmo na UnB com alguns professores mais experientes que vieram para dar pós-graduação aos recém-formados. "Enquanto eu fazia mestrado, ajudava na graduação". Ele fez todas as matérias e terminou sua tese em 1965, quando foi fazer doutorado nos Estados Unidos. Voltou em 1969, mas resolveu ficar longe da repressão que rondava a UnB naquela época. Preferiu então lecionar na Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto até 1973, quando voltou para Brasília.

Atualmente, João Cláudio Todorov não dá aulas devido à sua posição de vice-reitor, mas nem por isso deixou de acompanhar de perto os seus alunos, exercendo trabalho de orientação no mestrado. "Eu me sinto um pouco pai dos meus alunos, eu sei que posso soltá-los no mundo, pois eles estão encaminhados". O trabalho prático no laboratório é a sua grande paixão, pois "o que vale mesmo é a pesquisa, ela é muito gratificante, principalmente, de Psicologia num País do Terceiro Mundo".

Quanto ao trabalho na administração da UnB junto com o reitor, Todorov diz não haver uma divisão

formal de funções. "A gente sempre conversa antes de tomar qualquer decisão". Geralmente a área de política de pessoal fica com o vice-reitor, como, por exemplo, as negociações em torno do Plano de Cargos e Salários, "mas nada exclusivo de ninguém", frisou Todorov. "Eu sou muito impaciente e a paciência do Cristovam é um fator fundamental para realizarmos um bom trabalho em conjunto com a equipe". Segundo o professor Todorov, a sua fama de fechado e mal-humorado esconde um homem simples que quando mergulha fundo em um problema esquece da necessidade básica de ser gentil. "Eu sou daquelas pessoas que quando está sentada num laboratório, pode estar pegando fogo em volta que não percebe". Ele disse que quando está muito concentrado num problema, passa a impressão de ser fechado e isso assusta os outros.

Com a família, o professor Todorov disse ter um bom relacionamento, pois ela o apoia muito em seu trabalho, apesar de, às vezes, reclamar o pai e o marido, pois, segundo ele, a função de vice-reitor exige muito e ele passa a não estar mais tão disponível. "Receber telefonema à meia noite ou ser acordado antes das sete horas da manhã, é comum no meu trabalho". Há alguns anos atrás, como estavam as coisas, ele queria mandar seus dois filhos para outras universidades, mas hoje tudo mudou e ele espera que eles, atualmente com 14 e 16 anos, resolvam estudar na UnB.

"Centro-esquerda moderado com ênfase no moderado". Essa foi a resposta obtida quando questionado sobre o seu posicionamento político. Para Todorov, o mandato do atual presidente deve ser de quatro anos e não há o que discutir. Sobre a nova constituição, ele disse ser ainda muito cedo para julgá-la um monstro, pois apesar de ser hoje uma colcha de retalhos, o processo ainda não terminou e ele tem esperanças de que o texto final seja melhor do que se espera. Segundo ele, a futura constituição não vai ser tão avançada quanto alguns queriam, mas vai ser moderna e melhor que as que já tivemos. Quanto ao Plano Bresser,